

Centro de Memória Regional UNESP/RFEA



## CAMINHO ABERTO À BALA

Histórias da cruel colonização do Oeste paulista,  
no início do século, com o massacre de incontáveis nações indígenas.

Págs. 10 e 11

### Mãozinhas-de-obra

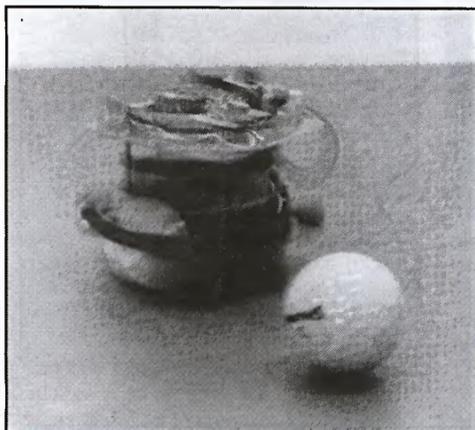
Ação pioneira da UNESP  
contra o trabalho infantil  
recebe adesão do Unicef

Pág. 7

### Elas eram do barulho

Em pleno século XIX, as  
mulheres arregaçam as mangas  
e dão o que falar

Pág. 5



Helcio Toffi

### Acredite, ele joga um bolão

Verdadeiro Ronaldinho  
eletrônico, esse robô sabe  
tudo de futebol

Pág. 16

### A poesia que sobreviveu ao preconceito

Pobre e discriminado, há  
cem anos morria  
Cruz e Sousa, nosso  
maior poeta simbolista

Págs. 8 e 9



Plano de Carreira entra em vigor a partir de junho. Pág. 3

# Verbas para a saúde

EDER TREZZA



Não é preciso ir ao dicionário para se ter uma noção bem definida do que vem a ser um hospital. Apesar disso, permeia as Faculdades de Medicina do País a idéia de que seus hospitais são "hospitais de ensino", pretendendo, com esta adjetivação, transferir o fulcro do assistencial para o educacional: atendimento à saúde é tarefa do governo, a da universidade é educar.

Não se trata de uma nomenclatura irrelevante, pois traz embutida a proposta e a *praxis* de que os hospitais universitários e as pessoas neles atendidas são apenas instrumentos para o ensino e a pesquisa, cujos interesses são prioritários, sendo a assistência um mero subproduto. É como se se dissesse: "O problema da saúde não é nosso!". Nesse contexto, é melhor nem falar em educação!

O conceito equivocado de "hospital de ensino" pode fazer estas instituições se comportarem como unidades independentes dentro do sistema de saúde, elaborando suas próprias normas, estabelecendo suas próprias rotinas e limitando seu relacionamento com o sistema público de saúde ao mínimo inevitável, sem muitas intimidades. Algumas posições discutidas no Conselho Universitário da UNESP parecem sustentar este conceito.

Quando a universidade define como seus objetivos ensinar, pesquisar e fazer extensão, pretende, com o termo "extensão" dizer que aquilo feito "para a comunidade" é um apêndice, uma benesse, que nem precisaria fazer, mas faz por pura magnanimidade? Ou, pelo contrário, entende que os problemas da coletividade lhe dizem respeito muito de perto, porque ela é integrante e dependente do tecido social? Se esta última hipótese for verdadeira, em nenhum outro setor ela será mais patente do que na área da saúde.

O docente-médico não faz "extensão"; atender pessoas e cuidar dos problemas de

saúde da comunidade são o cerne de suas atividades. Ele não pode ser um professor de giz e quadro-negro que fecha as portas da sala de aula nos finais de tarde, nos fins de semana e nos feriados, só retomando suas atividades às segundas-feiras. A doença e o doente não respeitam o calendário escolar nem os recessos universitários. Se os docentes não ensinarem isto para os alunos com o seu exemplo, o que vão ensinar? A medicina não é e não pode ser uma ciência descompromissada, e a universidade tem que entender isso.



O atendimento das necessidades de saúde da população é um ônus que precisa ser entendido como investimento na pessoa humana, não como um vazamento de recursos que escoam pelo ralo, sem qualquer retorno... E, falando de recursos, chegamos ao Hospital das Clínicas (HC) da Faculdade de Medicina (FM) do câmpus de Botucatu da UNESP.

O financiamento do HC dificilmente virá de uma fonte que não seja o orçamento público. As verbas poderão vir da UNESP, do Sistema Único de Saúde, da Secretaria Estadual da Saúde, do Ministério da Educação, do Gabinete do Governador, da Secretaria Municipal de Saúde..., eventualmente complementadas por convênios, como, por exemplo, com o IAMSPE ou entidades similares.

As verbas estaduais, que dizem respeito mais de perto à UNESP, podem chegar ao HC embutidas no orçamento da Universidade ou ser transferidas dentro de convênios. Como as necessidades da assistência à saúde ultrapassam as tarefas puramente educacionais, a Universidade deve pleitear do governo recursos adicionais específicos para que ela possa desempenhar a contento esse compromisso.

Administrativa, financeira e politicamente, o que é melhor para a UNESP: que o HC se desvincule da Universidade e seja assimilado por outro órgão estadual, como, por exemplo, a Secretaria da Saúde, ou que continue sob o comando da UNESP, aumentando a presença social e o prestígio da Universidade? Será que, para a UNESP, o HC não passa de um peso a ser descartado o quanto antes?

O que o Brasil vem gastando *per capita* para preservar e recuperar a saúde de seus cidadãos é vergonhoso e o coloca entre as nações mais miseráveis do planeta. Nesse terreno, que papel a UNESP vai escolher: apoiar as políticas federal e estadual de arrocho dos recursos para a saúde, dando uma demonstração de pouco entendimento do problema e tomando decisões de constrangedora pequenez; ou vai declarar, alto e bom som, que a saúde e a educação são prioridades inegociáveis e que vai lutar em todas as frentes para que os recursos para o seu HC sejam conseguidos, não em detrimento de suas demais Unidades, mas junto com elas?

O Conselho Universitário está perto de nos dizer a que veio nesta matéria!

Eder Trezza é professor do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do câmpus de Botucatu.

## CARTAS

### VÁ PELA SOMBRA

Oportuna e muito bem escrita a reportagem "Cuidado com os raios ultravioletas", publicada na edição de janeiro/fevereiro, nº 121, do *Jornal da UNESP*. Nesta época, em que impera o padrão "bronze" como a cor de pele desejável, nunca é demais alertar as pessoas para os perigos que encerra uma exposição prolongada e inadequada aos raios solares. Parabéns, portanto, ao jornal e aos especialistas consultados. **Virgínia Akamoto**, dermatologista Belo Horizonte, MG.

### MÚLTIPLAS CLARICES

Ao ler a matéria "Que mistérios tem Clarice", na edição de março último, nº 122, do *Jornal da UNESP*, tive a oportunidade de reviver alguns momentos que passei com a escritora, sempre com a mesma indagação: onde começam os personagens e onde termina a autobiografia que a autora faz em seus escritos. Os depoimentos colhidos para a reportagem reforçam minha impressão de que Clarice Lispector, assim como Fernando Pessoa, se multiplicava para manter sua individualidade e saúde mental intactas.

**Rogério Castellano**, São Paulo, SP.

### BENDITOS CHÁS

O *Jornal da UNESP*, em sua edição nº 122, comprova que está vinculado aos debates mais atuais nas diversas áreas do conhecimento. A matéria "Santa espinheira!" coloca em pauta como os chás podem auxiliar o homem a se manter em harmonia com a natureza. Aprendi com minha mãe que "chás são um bom remédio", e sigo essa recomendação. Mas, cuidado! Nada substitui a boa e velha figura do médico. Associados a um bom chazinho, não há mal que resista.

**Ana Cláudia Braun**, gastroenterologista, São José do Rio Pardo, SP.

### CADERNOS DE ALFABETIZAÇÃO

Foi dito, na reportagem "Pedagogia dos desterrados", publicada na edição de março do *Jornal da UNESP*, nº 122, que o setor de educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) publica cadernos de alfabetização e de várias outras disciplinas. Como faço para conseguir exemplares desses cadernos? **Laura C. Velludo**, pedagoga, Mogi das Cruzes, SP.

Escreva para: Secretaria Nacional - MST, Rua Ministro Godoy, 1484 - Perdizes, 05015-900 - São Paulo, SP. Fone: (011) 864-8977.

### ONDE ESTÃO OS CDs

O *Jornal da UNESP* publicou, nas edições de agosto do ano passado e na de janeiro/fevereiro último, comentários sobre dois CDs lançados por docentes do Instituto de Artes da UNESP. São eles, respectivamente, *Estados d'alma*, de Zygmunt Kubala e Rosana Civile, e *La boutique fantasmagorica*, de Anna Claudia Agazzi. Gostaria de saber onde posso encontrar os discos e quanto eles custam. **Ilka Nishiguchi**, aluna de pós-graduação da Faculdade de Ciências Agrônomicas do câmpus de Botucatu.

O CD *Estados d'alma* pode ser pedido pelo telefone (011) 212-2549, por R\$ 20,00. *La boutique fantasmagorica* pode ser pedido pelo telefone (011) 535-5518, e custa R\$ 18,00.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: Antonio Manoel dos Santos Silva  
Vice-reitor: Luis Roberto de Toledo Ramalho  
Pró-reitor de Administração: Ricardo Antonio de Arruda Veiga  
Pró-reitora de Graduação: Maria Aparecida Viggiani Bicudo  
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Fernando Mendes Pereira  
Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Edmundo José De Lucca  
Secretária Geral: Maria de Lourdes Mariotto Haidar

Diretores das Unidades Universitárias: João César Bedran de Castro (FO-Araraquã), Paulo Eduardo de Toledo Salgado (FCF-Araraquã), Wellington Dinelli (FO-Araraquã), Cláudio Gomide de Souza (FCL-Araraquã), José Roberto Ernandes (IQ-Araraquã), Antônio Quelce Salgado (FCL-Assis), Cleide Santos Costa Biancardi (FAAC-Bauru), José Misael Ferreira do Vale (FC-Bauru), Edwin Avolio (FET-Bauru), Elias José Simon (FCA-Botucatu), Paulo Eduardo de Abreu Machado (FM-Botucatu), Sheila Zambello de Pinho (IB-Botucatu), Eunice Oba (FMVZ-Botucatu), Neide Aparecida de Souza Lehfeld (FHDSS-Franca), Fernando Augusto Silva Marins (FE-Guaratinguetá), Orivaldo Arf (FE-Ilha Solteira), Júlio César Durigan (FCAV-Jaboticabal), Antônio Geraldo de Aguiar (FFC-Marília), Messias

Meneguette Junior (FCT-Presidente Prudente), Osvaldo Aulino da Silva (IB-Rio Claro), Silvio Carlos Brey (IGCE-Rio Claro), Wilson Maurício Tadini (Ibilce-São José do Rio Preto), José Eduardo Junho de Araújo (FO-São José dos Campos) e Regina Coeli Guedes de Souza Pinto (IA-São Paulo).

### JORNAL DA UNESP

Editor chefe: José Roberto Ferreira  
Editor: Paulo Velloso  
Redação: Evanildo da Silveira e Oscar D'Ambrosio  
Editor de Arte: Celso Pupo  
Edit. Eletrônica: Paulo Nunes Rocha  
Fotografia: Helcio Toth  
Colaboraram nesta edição: Alejandro Fabian, Jefferson da Silveira e Waltair Martão (reportagem); Baptista, Loredano, Mariza Dias Costa, Negreiros,

Osvaldo e Paulo Zilberman (ilustração), e Wladimir Fontes (fotografia)

Produção: Mara R. Marcato e Patrícia do Carmo  
Revisão: Maria Luíza Simões  
Tiragem: 15.000 exemplares  
Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.  
A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.  
Endereço: Alameda Santos, 647, 13º andar, CEP 01419-001, São Paulo, SP. Telefone (011) 252-0323 e 252-0327. Fax (011) 252-0207. e-mail: aci@reitoria.unesp.br. e-mail para solicitação de alteração na mala direta: maramar@reitoria.unesp.br  
Fotolito e Impressão: Imprensa Oficial

# Novo texto é aprovado

## Enquadramento deve sair no início de junho

**A**provado pelo Conselho Universitário-CO em janeiro de 1997, o Plano de Carreira dos Servidores Técnico-Administrativos e da Área de Informática passou por uma reestruturação, com a finalidade de corrigir algumas distorções detectadas pelos conselheiros antes de ser efetivamente implantado. Essa era uma ação inadiável, pois o plano é irreversível. Com as modificações, feitas a partir de estudos de uma comissão formada por oito membros, o plano foi referendado pelo CO no último dia 5 de março e deve entrar em vigor em junho.

O trabalho da comissão, composta por cinco representantes docentes e técnico-administrativos do CO, um da Coordenadoria de Recursos Humanos-CRH, um da Assessoria de Planejamento e Orçamento-APLO e um da área de Informática, buscou, entre seus objetivos principais, redefinir o enquadramento dos funcionários, mediante alteração dos itens que constituem o salário base, e fixar parâmetros para o limite máximo do padrão; e rever o tratamento dado às funções de confiança, às tabelas da área de informática, às trajetórias e regras pertinentes ao

Acompanhamento do Desenvolvimento Profissional-ADP.

De acordo com o presidente da comissão, o professor José Brás Barreto de Oliveira, do Departamento de Física da Faculdade de Ciências do câmpus de Bauru, o novo plano corrigiu, entre outras coisas, a metodologia do enquadramento financeiro das carreiras, com modificações na maneira de se calcular o salário base. Foi aprovada também pelo CO a incorporação do abono, passando, portanto, a integrar o patrimônio dos servidores que já o recebem. Também foi autorizado o acréscimo de um grau para os servidores com o enquadramento na carreira a partir do nível 33 (estes até agora não beneficiados com o abono).

### PROGRESSÃO

Uma das principais modificações ficou por conta do mecanismo de progressão na carreira. Até agora, o quadro da amplitude das funções mostrava três níveis na coluna vertical, que indicavam a progressão na carreira, e doze na horizontal, que apresentavam as promoções. "Agora, estão estabelecidos cinco níveis na amplitude de progressão, situação que incentiva o servidor a se aperfei-

çoar e desempenhar funções mais complexas, resultando conseqüentemente em uma melhoria salarial para o servidor e em uma melhor qualificação do quadro de servidores da UNESP", afirma Brás.

Outra alteração em relação ao primeiro texto do plano foi a incorporação dos profissionais da área de informática e dos contratados pelo regime da CLT, inclusive os técnicos especializados. "Com as alterações, o Plano de Carreira da UNESP fica mais compatível com os já existentes na USP e Unicamp", explica o professor Brás.

Antes de ser publicado no *Diário Oficial*, o texto do plano está passando pelos ajustes apontados pela comissão. Este trabalho está a cargo da CRH. "Ao mesmo tempo, estamos fazendo as adequações necessárias no sistema de folha de pagamento e preparando treinamentos aos profissionais das áreas de RH de cada unidade", explica Maria José Franciscatto Lisboa, coordenadora de Recursos Humanos da Reitoria e integrante da comissão. "A partir daí, eles terão condições de orientar cada servidor que tiver dúvidas sobre o plano."

### SUBQUADRO

#### Não haverá demissões na UNESP

**A** definição do subquadro da Universidade não implicará demissão de nenhum servidor". A afirmação é do pró-reitor de Administração, professor Ricardo Antonio de Arruda Veiga, motivada pelo surgimento de boatos de que haveria enxugamento no quadro de servidores em função dos estudos apresentados pela comissão constituída pelo Cade para definir o número ideal de funcionários para cada setor da Universidade. E esses estudos ainda têm um caminho a percorrer: estão sendo analisados pelos diretores das Unidades, depois serão remetidos ao Cade e, finalmente, ao Conselho Universitário.

Ao enfatizar que "não haverá demissões", o pró-reitor explica que, quando o subquadro de um determinado setor indicar a necessidade de um número menor de funcionários, a adequação será feita com o tempo, como quando ocorrer aposentadorias, ou por meio de remanejamento de servidores para outro setor, segundo critérios das próprias Unidades.

### GRADUAÇÃO

# Dos males, o menor

## Capas recua e reduz o corte anunciado nas bolsas PET

**O** mal não será tão grande como foi anunciado. O proclamado corte de 35% do volume de recursos para o Programa Especial de Treinamento (PET), um dos melhores programas já criados para a formação do estudante universitário brasileiro, não mais acontecerá. Depois de muita mobilização de estudantes e professores, o presidente da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Abílio Baeta Neves, decidiu reduzir o corte a 10%.

Com a decisão, os recursos destinados ao programa, que no ano passado foram de R\$ 16 milhões, serão cerca de R\$ 14,5 milhões. Assim, o número de bolsas não mais será reduzido a, no máximo, seis por grupo PET. Agora, todos terão direito a 12. O valor de cada uma continua o mesmo: R\$ 241,52. Em compensação, foram cortadas as taxas acadêmicas – montante igual a duas vezes o número de bolsas do grupo – pagas duas vezes ao ano para apoio às atividades do Grupo, a mensalidade e passagem aérea para professor-visitante, por um mínimo de 15 até um máximo de 60 dias, e a bolsa anual de pós-graduação *stricto sensu* para o bolsista melhor classificado na conclusão do curso.

Apesar de aliviados com a notícia, muitos professores-tutores do PET lembram que, embora menores, os cortes aconteceram. José Alexandre de Jesus Perinotto, professor-tutor do PET do curso de Geologia, do



Instituto de Geociências e Ciências Exatas, câmpus de Rio Claro, por exemplo, diz que mesmo antes do corte de 10% já havia certa dificuldade de arrumar candidatos para o PET. "Eles migravam para outros tipos de bolsa, como a de Iniciação Científica da Fapesp, que paga cerca de R\$ 350,00", revela.

### "MENOS RUIM"

Para Aparecido Augusto de Carvalho, tutor do Grupo PET do curso de Engenharia Elétrica da Faculdade de Engenharia do câmpus de Ilha Solteira (FEIS), o corte de 35% inviabilizaria o PET. "Com a redução de 10%, as coisas ficam apenas menos ruins", diz. "Nós já sentiremos as primeiras dificuldades em abril. Nosso grupo, que tem nove bolsistas, iria participar, entre os dias 18 e 21 de abril, em Florianópolis, do Encontro Nacional de PETs de Ciências Exatas e Engenharia. Agora só poderemos mandar dois ou três bolsistas."

A pró-reitora de Graduação, Maria Aparecida Viggiani Bicudo, elogia a decisão da Capes de reduzir o corte, mas alerta sobre o perigo que o PET correu. "Com a medida que havia sido tomada, todo o esforço da Universidade para melhorar a qualidade da graduação, envolvendo cada vez um maior número de docentes no PET, seria abalado", diz. A pró-reitora enviou ofício aos tutores dos 29 grupos PET, comunicando a manutenção das bolsas e da bolsa do tutor, no valor de R\$ 724,52, e recomendando que aqueles grupos que ainda não estejam completos selecionem os alunos que estejam faltando.

De acordo com Luiz Valcov Loureiro, diretor de Programas da Capes, para evitar o corte de 35% das verbas do PET, outros tiveram de ser sacrificados. "É o caso do Programa de Apoio à Pós-Graduação *lato sensu* (especialização), que no ano passado teve R\$ 12 milhões e este ano não terá nada", informa Loureiro. Também foi sacrificado o

programa aquisição de periódicos para as bibliotecas federais, que em 1997 recebeu R\$ 22 milhões.

O PET, todos concordam, é um programa de grande importância, que tem como objetivo propiciar aos alunos de graduação atividades extracurriculares que favoreçam sua carreira universitária. "O PET contribui para a formação de um profissional de excelente nível", diz Perinotto. "Seus integrantes vão para a pós-graduação com experiência em pesquisa e com visão crítica dos problemas nacionais. Além disso, alguns bolsistas do PET estão inseridos em grupos de pesquisa e colaboram com alunos do mestrado (e em alguns casos de doutorado) na realização de suas dissertações e teses."

Para participar do programa, o candidato deve estar no início do 3º ou 4º semestre de graduação, dedicar no mínimo 12 horas semanais às atividades do Grupo PET, e não apresentar reprovação no histórico escolar.

EDUCAÇÃO



Monica Richier

**NOMEAÇÃO**  
O ex-reitor  
Roquete de  
Macedo: CNE

## Ex-reitor integra Conselho

O presidente Fernando Henrique Cardoso nomeou, em março último, os dez conselheiros que vão integrar 50% do Conselho Nacional de Educação (CNE). Metade deles integra a Câmara de Ensino Superior e a outra metade, a Câmara de Educação Básica. Para a primeira, foi nomeado Arthur Roquete de Macedo, reitor da UNESP no período 1993-96. Médico especialista em gastroenterologia, 55 anos, o novo integrante do CNE, atual primeiro vice-presidente da Asociación Universitaria Iberoamericana de Postgrado (Auiip), terá, junto com seus pares, poder de decisão sobre a abertura de cursos superiores e sobre a transformação de faculdades em universidades.

Além de Arthur Roquete de Macedo, Roberto Frota Bezerra, reitor da Universidade

Federal do Ceará, foi nomeado conselheiro da Câmara de Ensino Superior. Na mesma ocasião, foram reconduzidos ao cargo de conselheiros da mesma Câmara três nomes cujos mandatos haviam expirado recentemente: Carlos Alberto Serpa, do Cesgranrio; Yugo Okida, da Universidade Paulista; e Silke Weber, da Universidade Federal de Pernambuco e atual Secretária da Educação.

Para a Câmara de Educação Básica, os novos conselheiros nomeados foram Antenor Napolini, secretário de Educação do Ceará, Francisco Cordão, do Conselho Estadual de Educação de São Paulo; e o padre Kuro Paulo Rhodem, do Conselho Estadual de Santa Catarina, enquanto Edla de Araújo Lira Soares e Ulysses de Oliveira Panisset foram reconduzidos ao posto de conselheiros. As posses ocorrerão em 6 de abril.

HOMENAGEM

## A favor do cooperativismo

Presidente da Aliança Cooperativa Internacional (ACI), a maior organização não-governamental (ONG) do planeta, com sub-sedes em todos os continentes e 800 milhões de filiados, professor e criador, há 25 anos, da disciplina Cooperativismo no Departamento de Economia Rural da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) da UNESP, câmpus de Jaboticabal, o engenheiro agrônomo Roberto Rodrigues receberá, em cerimônia ainda sem data definida, o título de doutor *honoris causa* da UNESP.



José Cardêno

**HONORIS CAUSA**  
Rodrigues: honraria

“Rodrigues reúne qualidades incomuns de competência, coordenação e liderança. E sempre mostrou que o cooperativismo é uma força econômica capaz de unir a eficiência da ação da iniciativa privada a um forte sentido social”, diz Julio Cezar Durigan, diretor e presidente da Congregação da FCAV, que indicou o docente para a honraria.

ENCONTRO

## Parceria que promete

Para discutir eventuais projetos de parceria e cooperação entre a UNESP e o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado de São Paulo (Sebrae), o reitor Antonio Manoel dos Santos Silva reuniu-se, no dia 17 de fevereiro passado, com o presidente desse órgão, Sylvio Goulart Rosa Júnior.

O convite partiu de Rosa Júnior, que explicou ao reitor e à assessora chefe da Assessoria de Relações Externas, Lígia Maria Vettorato Trevisan, e ao diretor presidente da Fundação para o Desenvolvimento da UNESP (Fundunesp), Amilton Ferreira, que também participaram da reunião, o interesse do Sebrae em incentivar o desenvolvimento conjunto de projetos entre a Universidade e micro e pequenas empresas. “Um desses projetos poderia ser, por exem-

plo, a elaboração, por pesquisadores da UNESP, de uma espécie de raio X de uma determinada região”, exemplificou Rosa Júnior. “Esse levantamento serviria para orientar a instalação ou a atuação de micro e pequenas empresas.” O presidente do Sebrae disse ainda que seria interessante que a Universidade criasse cursos de formação de empreendedores. O reitor prometeu determinar a identificação dos pesquisadores ou grupos de pesquisas interessados nas parcerias.



Helcio Teih

**REUNIÃO**  
Rosa Júnior: projetos conjuntos

# Quem entra na UNESP

# tem vaga garantida no Programa

# Universitário do Banco Real.

Conheça o programa de vantagens que o Banco Real desenvolveu especialmente para você, universitário.

- Sem comprovação de renda. •6 meses de isenção nas principais tarifas. •Realmaster\*, 10 dias por mês sem juros.
- Cartão Universitário ou Real Visa Múltiplo\*.
- RealCap Universitário. •Seguro Real Vida Universitário.
- Crédito Parcelado\* para compra de livros. E muito mais!

www.bancoreal.com.br

\* Sujeito a análise e aprovação de crédito.



# Muito além do forno e fogão

**Jornal do século XIX registra surpreendente atividade feminina**

Desde 1975, a historiadora Urquiza Maria Borges vem escarafunchando os arquivos de jornais paulistas do século XIX, com destaque para o *Correio Paulistano*, em busca de informações para seus trabalhos acadêmicos. Primeiro, atrás de dados acerca dos negociantes da cidade, para a dissertação de mestrado *Negociantes na cidade de São Paulo (1875-1880)*, apresentada em 1980. Depois, sobre as conquistas das mulheres e como elas eram tratadas pela imprensa, para a elaboração de sua tese de doutorado *A Mulher em cena (2ª metade do século XIX)*, defendida em 1986, na Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo. Em maio de 1997, Urquiza apresentou o trabalho *Às leitoras com carinho (Correio Paulistano, 2ª metade do século XIX)*, para o concurso de livre docência, no Instituto de Artes da UNESP.

O motivo central das infindáveis pesquisas da historiadora era descobrir, principalmente, porque um jornal diário, informativo, se preocupava em escrever, sistematicamente, artigos destinados à normatização do comportamento feminino, e saber de que forma as mulheres reagiam a esses textos. Urquiza dividiu o trabalho em duas partes. Na primeira, procurou demonstrar como o *Correio Paulistano* escrevia para e sobre as mulheres. Na outra, a pesquisadora teceu um painel do modo de vida de algumas mulheres de variados grupos sociais que então viviam em São Paulo. Para essa segunda parte, além da pesquisa no jornal, recorreu a relatos, cartas, entrevistas, biografias, autobiografias e inventários.

## SEGREDOS DA MAÇONARIA

A pesquisa rendeu frutos, e dos bons: "Encontrei, por exemplo, informações sobre as conquistas das mulheres na Europa e nos Estados Unidos e um artigo criticando a situação da mulher na China", conta a pesquisadora. "Além disso, descobri textos dirigidos às brasileiras, encorajando-as a estudar, escrever, fazer filantropia e a participar de manifestações que escapam da qualificação de domésticas."

De acordo com Urquiza, além das informações sobre as mulheres, o *Correio Paulistano*, através de suas variadas seções — Noticiário, Folhetins, Anúncios, Editoriais, Cartas do Leitor e Variedades —, abriu para a pesquisadora as portas de um cotidiano cheio de surpresas a respeito da cidade: fala de seus

habitantes, das críticas que estes faziam à administração municipal e aos serviços públicos e de manifestações públicas de mulheres (*leia quadro*).

A escolha do jornal *Correio Paulistano* deve-se ao fato de que ele foi, durante quase todo o período coberto pela pesquisa, de propriedade de maçons e publicou, com assiduidade, notícias a respeito das "pequenas conquistas do sexo feminino" e artigos "morais" e "educadores" dirigidos à mulher. À primeira vista, pode causar estranheza o fato de um jornal redigido por maçons preocupar-se, de maneira específica, com as mulheres, já que elas são proibidas de ingressar nos segredos da Maçonaria. "Para entender a preocupação maçônica com as brasileiras, deve-se lembrar do ideal reformista desta sociedade secreta e também de sua disputa com a Igreja Ultramontana pela posse da alma da mulher", explica Urquiza.

É dentro desse programa liberal e maçom que se situa a preocupação dos redatores em terem as mulheres como destinatárias. Os textos do *Correio Paulistano* falavam sobre saúde, beleza, comportamento e instrução das mulheres, "ensinando-as" a se alimentar, vestir e comportar, dentro e fora de casa. "Preocupavam-se também em persuadi-las a assistir conferências, a ir a teatros, a ler, a frequentar festas e saraus, sob o manto protetor do paternalismo esclarecido", informa Urquiza. "O estímulo à diversificação de atividades tinha o propósito de subtraí-las à poderosa e 'nefasta' influência do confessionário e do púlpito, quer dizer, da Igreja Ultramontana."



A historiadora Urquiza Maria, do ...



Instituto de Artes: nas páginas do ...



Correio Paulistano, um cotidiano ...



cheio de surpresas sobre a cidade

De acordo com Urquiza, apesar de viverem a maior parte do tempo dentro de casa, excluídas das ruas e do setor público, algumas mulheres, insufladas pelo jornal, conseguiram vencer a timidez e o recatado silêncio: fizeram conferências, escreveram poesias (na maioria, impregnadas de místico romantismo), enviaram críticas para o jornal, fundaram e redigiram seus próprios jornais, foram professoras e negociantes respeitadas. Nada mau para um século que, entre outras coisas, negou ao sexo feminino até mesmo o direito inalienável do voto.

Evânildo da Silveira

## Ontem, como hoje

Enchentes, lixo e camelôs. A São Paulo do século XIX

Nem só de assuntos relativos à mulher trata o trabalho da historiadora Urquiza Maria Borges, do IA. Ao lado de temas ligados à questão feminista no século XIX, emergem dados interessantes sobre a cidade de São Paulo. Do que se depreende da pesquisa, alguns problemas permanecem inalterados. Os relatos dos leitores, publicados na seção de cartas do jornal *Correio Paulistano*, e os próprios editoriais do diário mostram que os problemas da cidade eram praticamente os mesmos de hoje: enchentes, ruas esburacadas, camelôs que tomam conta das calçadas.

Há 112 anos, por exemplo, o *Correio Paulistano* já apontava, em editorial, a questão das enchentes em São Paulo. "Quando chove, as praças e ruas principais do centro transformam-se em verdadeiros pantanais", escreve o redator do jornal. "Qual seria o motivo? O sistema de calçamento, a natureza ou a qualidade do material? Seja qual for, é preciso remover o mal." Parece um texto escrito ontem.

Assim como as enchentes, não é de hoje também que os camelôs incomodam muita gente. Urquiza recolheu o relato de um leitor irado, publicado em novembro de 1889. "Ele reclamava 'dos

quiosques de bebidas alcoólicas e de comidas podres que se instalaram na cidade, vindos do Rio de Janeiro", conta a pesquisadora.

Se servir de consolo ao prefeito Celso Pitta, ele não é o primeiro a se atrapalhar com a coleta de lixo em São Paulo. Urquiza encontrou citações, de 1899, que já denunciavam "asquerosos receptáculos de lixo expostos às portas das casas". De acordo com ela, tal como hoje, a desculpa era a sempiterna falta de verbas. Como se vê, pouca coisa mudou desde então. Quando mudarão é a pergunta que fica.

(E.S.)

ENCONTRO

# Centro busca financiamento

**Representante do Ministério da Cultura visita Cedem**



Helcio Toth

Atendendo a convite do reitor da UNESP, Antonio Manoel dos Santos Silva, o secretário executivo do Ministério da Cultura, José Álvaro Moisés, visitou, no dia 6 de março passado, o Centro de Documentação e Memória (Cedem), da UNESP. Ele foi recebido pela coordenadora do órgão, Anna Maria Martinez Corrêa, e pela assessora técnica Célia Reis Camargo. “O objetivo era uma troca de informações”, explicou Anna Maria. “Queríamos que o Ministério conhecesse os nossos projetos e saber para quais deles poderia nos dar financiamentos.”

As duas representantes do Cedem falaram a Moisés sobre algumas idéias que pretendem levar a cabo e para as quais precisam de recursos. O objetivo é produzir várias obras de referência. A primeira delas é um catálogo coletivo de periódicos, uma espécie de índice de todos os títulos e edições de jornais existentes no Cedem, no Arquivo do Estado, no Arquivo

da Unicamp, no Instituto Histórico e Geográfico do Estado e no Centro de Memória da PUC. “Assim, os interessados em fazer pesquisa saberiam, antes de começar o trabalho, onde encontrar determinado periódico”, explica Célia.

A elaboração de uma bibliografia analítica (verbetes de resumo) sobre a esquerda brasileira foi outro projeto apresentado. “O objetivo é fazer uma obra de referência, com essa bibliografia classificada por temas, abordando livros e artigos que tratam de estudos sobre esses movimentos políticos e seus líderes”, conta Célia. O terceiro projeto prevê a confecção de um catálogo ilustrado com o levantamento e a identificação dos cartazes sob a guarda do Cedem, produzidos no Exterior por organizações internacionais de solidariedade e de defesa dos direitos humanos, na décadas de 1960 e 1970.

Além desses, mais três projetos foram mostrados: um dicio-



Arquivo Cedem

Da Coleção Exílio, do Cedem: presos políticos trocados pelo embaixador alemão von Holleben chegam à Argélia. À direita, de camisa xadrez, Fernando Gabeira

**MEMÓRIA**  
Moisés (primeiro à esq.) e dirigentes do Cedem: troca de informações

nário histórico-biográfico, com verbetes sobre temas, instituições ou pessoas ligadas aos movimentos e partidos de esquerda no Brasil; uma história da imprensa (roteiro histórico dos jornais sob a guarda do Cedem) e um cadastro de instituições e de especialistas em história política brasileira.

Moisés elogiou as propostas, mas deixou claro as dificuldades do Ministério para financiar integralmente algum deles. “Nosso orçamento é muito pequeno, por isso raramente destinamos dinheiro para universidades”, justificou. “Essa função é mais do Ministério da Educação, que tem um orçamento 24 vezes maior do que o nosso.” Apesar disso, alimentou esperanças. “Podemos, por exemplo, entrar com uma parte do financiamento de algum desses projetos”, disse. “É uma espécie de aval do Ministério, que pode ajudar a UNESP a captar mais recursos junto à iniciativa privada.”

EXTENSÃO

# Ao gosto do freguês

**Pré-cozida, congelada e embalada em plástico, a mandioca faz a delícia de consumidores e agricultores**

Insatisfeitos com os baixos preços do mercado, principalmente na época da safra, vinte e cinco produtores de mandioca da cidade de Ubirajara, região central do Estado, descobriram uma maneira de dobrar os R\$ 50,00 que costumam ser pagos para cada tonelada do produto. Associados, criaram a cooperativa Agroindustrial de Ubirajara (CAU), passando a industrializar e vender a mandioca semi-pronta em supermercados e cozinhas industriais das vizinhas Jaú, Ourinhos, Marília e Bauru, e em São Paulo. Conseguem, assim, até R\$ 100,00 por tonelada do produto. A mandioca chega ao consumidor congelada, na forma de palito ou em polpa, acondicionada em sacos plásticos.

Estabelecida oficialmente em julho de 1997, para sair do papel a cooperativa contou com a assessoria técnica do Centro de Raízes Tropicais (Cerat), unidade complementar do câmpus da UNESP de Botucatu. “Fizemos um projeto sob medida para os agricultores, a partir de um investimento máximo, preço mínimo do produto, quantidade e qualidade de mão-de-obra e tecnologia a ser empregada”, explica a bióloga Marney Pascoli Cereda, diretora do Cerat e responsável pelo projeto junto com o colega Marco Tulio Ospina.

**AS MELHORES RAÍZES**  
O Cerat fez um levantamento também sobre procedimentos de colheita e escolha das melhores raízes, além de estudar a apresentação mais adequada do produto ao consumidor, que até então só encontrava a mandioca *in natura*, nas feiras e mercados. “Vendi-



**TECNOLOGIA**  
Marney, do Cerat: projeto sob medida para agricultores

da pré-cozida, a mandioca permite a conservação por tempo mais prolongado e pode ser usada, de imediato, na culinária”, diz Marney. “Isso torna o produto interessante ao consumidor, que queima uma etapa do preparo do alimento.”

Com orientação fiscal, administrativa e mercadológica do Serviço Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa (Sebrae), o projeto foi dimensionado inicialmente para trabalhar com seis toneladas de mandioca por dia, investindo-se inicialmente R\$ 35 mil. Atualmente, opera com 14 funcionários e tem produção diária de duas toneladas. Responsáveis pela indústria esperam produzir, em 1999, 20 toneladas de mandioca por dia, trabalhando com cem empregados.

Os agricultores do município, que sempre concentrou sua produção na mandioca-brava, própria para a produção de farináceos, passaram a dar atenção especial ao plantio da mandioca-mansa, também chamada de mesa. “Estamos ainda iniciando nosso traba-

lho e a cooperativa tem um potencial muito grande a ser explorado”, explica o engenheiro agrônomo João Pacheco de Almeida Prado, secretário da CAU. “Vamos trabalhar com outras culturas, aproveitando o conhecimento adquirido até agora.” Cada sócio, que investiu no projeto R\$ 3.500,00, parceladamente, entrega na indústria sua produção de mandioca, recebendo de acordo com o valor de mercado. No final do ano fiscal, é feita a distribuição dos dividendos, resultantes do lucro da industrialização e da comercialização.

Waltair Martão

VISITA



Helcio Toth

**COOPERAÇÃO**  
Santos Silva e Nordenberg: novas parcerias

# Ponte aérea com Pittsburgh

Consolidar os laços existentes e criar novas parcerias. Essa foi a principal conclusão da visita realizada por Mark Nordenberg, chanceler da Universidade de Pittsburgh (EUA), à Reitoria da UNESP, em 10 de março último. “Necessitamos investir no intercâmbio de docentes e de alunos”, disse Antonio Manoel dos Santos Silva, reitor da UNESP, durante o encontro em seu gabinete. Embora as universidades já mantenham programas de cooperação nas áreas de Administração, Medicina e Ciências Humanas, muito pode ser feito para aproximar ainda mais as instituições. “A área de Administração de Negócios, por exemplo, oferece ligações naturais entre Brasil e EUA”, apontou o chanceler americano, responsável por uma instituição que, fundada em 1787, conta hoje com 32 mil alunos. “A Universidade de Pittsburgh tem um Centro de Estudos Latino-americanos e mantém um ativo Programa de Estudos Brasileiros”, lembrou a assessora-chefe de Relações Externas, Lígia Vettorato Trevisan, presente ao encontro e incumbida de ampliar o diálogo acadêmico entre a universidade americana e a UNESP.



José Luis da Conceição/Agência Globo



Marcha Global contra o Trabalho Infantil: da Sé à Suíça

## Marcha leva jovens a Genebra

No mundo inteiro, centenas de pessoas, sobretudo adolescentes e crianças, aderiram à Marcha Global contra o Trabalho Infantil. Elas seguem, de ônibus, barco e avião, em direção a Genebra, Suíça, onde devem chegar no dia 1º de junho. Lá, acontece a 86ª Conferência da Organização Internacional do Trabalho. A comitiva brasileira saiu de São Paulo no dia 25 de fevereiro último, com destino a Buenos Aires, onde será substituída pela comitiva argentina. A marcha global, que envolve 99 países e mais de 7 mil organizações de todo o mundo, pretende conseguir uma mobilização mundial como forma de pressão para que os países adotem medidas contra a exploração de menores no mercado de trabalho.

Há duas formas de participar da marcha, sem que seja preciso sair de casa: organizando abaixo-assinados contra o trabalho infantil e enviando para a Fundação Abrinq (rua Lisboa, 224, Jardim América, CEP 05413-000, São Paulo, SP); ou denunciando casos de trabalho infantil ao S.O.S. Trabalho Infantil, tel. 0800-11-1616 (ligação gratuita).

## Aplique-se a lei

A legislação brasileira é clara. Destaca, no artigo 60 do capítulo V do Estatuto da Criança e do Adolescente, que: "É proibido qualquer trabalho a menores de 14 anos de idade, salvo na condição de aprendiz". O adolescente, ressalva, pode trabalhar após completar 14 anos, desde que em atividades que não comprometam sua formação e desenvolvimento físico, psíquico, moral, social, e nem em função perigosa, insalubre ou penosa. O 9º mandamento da Declaração Universal dos Direitos da Criança, aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em novembro de 1959, anota: "A criança não deve ser abandonada, espancada ou explorada, não deve trabalhar quando isso atrapalhar a sua educação, saúde e o seu desenvolvimento físico, mental ou moral". Belas palavras.

## Serviço Social de Franca incentiva ações contra a exploração do trabalho infantil

De acordo com as mais recentes pesquisas realizadas pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), organismo das Nações Unidas com sede em Nova York, a população economicamente ativa do planeta beira os 2,4 bilhões. O aspecto preocupante dessa cifra é que cerca de 8% desses trabalhadores são adolescentes, menores de 18 anos. Ou seja, perto de 200 milhões de jovens, em todo o mundo, deixam de lado os estudos em busca de alguns caraminguás que compõem o salário da família. Nos chamados países em desenvolvimento, o número de crianças trabalhadoras, na faixa etária dos 10 aos 14 anos, chega a 44,6 milhões na Ásia, 23,6 milhões na África e a 5,1 milhões na América Latina (9,8%). No Brasil, estes empregados mirins representam 16,09% da mão-de-obra. Temos o terceiro maior índice latino-americano, atrás apenas do Haiti e da Guatemala (veja tabela abaixo).

Sensível a essa grave questão, a Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS) do câmpus de Franca iniciou, pioneiramente no Estado, em 1990, pesquisas a respeito da utilização da mão-de-obra infantil na indústria de calçados de Franca. Os estudos revelaram que as fábricas terceirizavam parte da produção para as bancas de pesponto, situadas em geral nas casas de ex-funcionários, em locais improvisados, com iluminação precária e pouca ventilação. "É na fase do pesponto, quando o calçado é costurado e colado, que a mão-de-obra infantil é mais utilizada", explica Neide Lehfeld, diretora da faculdade. "O número de trabalhadores entre 12 e 18 anos chegava a 21% do total de funcionários da indústria de calçados."

A Universidade passou, então, a atuar em parceria com a prefeitura, implantando o "Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Franca" e fiscalizando o trabalho infantil.

"Constatamos que muitas crianças trabalhadoras, além de abandonarem os estudos, não têm garantias trabalhistas e direitos sociais, recebem baixos salários e às vezes nem são remuneradas", argumenta a assistente social Victalina Di Gianni, coordenadora do setor de estágios do curso de Serviço Social da FHDSS, com 31 anos de experiência na Secretaria Estadual da Criança, Família e Bem Estar Social.

### VISÃO CRÍTICA

A partir da iniciativa da UNESP, outras entidades passaram a elaborar projetos sobre o tema. Em um estudo promovido pelo Sindicato dos Sapateiros, em parceria com o Unicef — Fundo das Nações Unidas pela Infância —, constatou-se que 73% das crianças de 7 a 14 anos de Franca trabalhavam na indústria de calçados. Em agosto de 1994, o Unicef realizou um fórum de debates sobre a questão e elegeu Franca para participar, ao lado de Belo Horizonte (MG), Salvador (BA) e da região das carvoarias, no Mato Grosso do Sul, do projeto "Combatendo o Trabalho Infantil", que fornece bolsas-educação para crianças, com o objetivo de mantê-las na escola, e bolsas-profissionalização para adolescentes. "Apesar de os problemas no Norte e Nordeste do País serem mais graves do que em Franca, a cidade foi escolhida por seu pioneirismo nas pesquisas, denúncias e implantação de programas de atendimento à infância", diz a assistente social Raquel Rosa, formada pela UNESP e consultora do Unicef.

Os estagiários do curso de Serviço Social da UNESP fazem a triagem dos alunos que receberão as bolsas junto às escolas públicas de Franca e acompanham os trabalhos. Os cursos profissionalizantes são ministrados pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). Entre 1994 e

1997 foram atendidos mais de 400 adolescentes, que participaram de cursos de auxiliar de escritório, contabilidade e auxiliar de enfermagem, entre outros, com duração de até 20 meses. "Depois de trabalhar desde os 12 anos na banca de pesponto de meus pais, finalmente tenho uma profissão e já posso sonhar com uma universidade", conta Elisângela Cristina de Lima, 18 anos, formanda do curso de auxiliar de enfermagem. "Mais do que mão-de-obra especializada, nosso objetivo é formar cidadãos com visão crítica e conscientes de seu papel na sociedade", garante Luzia Helena Mamede de Bom, 38 anos, ex-aluna da UNESP e assistente social do SENAC.

O trabalho iniciado pela UNESP tem produzido outros bons frutos. Em outubro de 1996, durante o 1º Encontro de Empresários da cidade, foi celebrado o Pacto de Franca pela Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil no Setor Calçadista. "Os industriais se comprometeram a não utilizar mão-de-obra infantil", diz Raquel Rosa. "Ao cumprir o acordo, as indústrias recebem o selo Empresa Amiga da Criança." Cursando mestrado em Serviço Social na UNESP, Raquel reconhece que há situações mais graves do que a da indústria de calçados. "A própria OIT e o Unicef utilizam a expressão 'formas mais intoleráveis de trabalho infantil' quando se referem a atividades em locais como minas de carvão, pedreiras, olarias e garimpos", pondera. A opinião é compartilhada pela diretora da FHDSS, Neide Lehfeld: "No Estado de São Paulo há atividades ainda mais prejudiciais ao desenvolvimento da criança, caso do corte e da queima da cana-de-açúcar", confirma. "No entanto, optamos por estudar o fabrico de sapatos em virtude de Franca ser o maior centro produtor e exportador de calçados masculinos do País."

Jefferson da Silveira

### Mãozinhas-de-obra

Estimativa da porcentagem de crianças, entre 10 e 14 anos, que trabalham na América Latina, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Haiti	25,30 %
Guatemala	16,22 %
Brasil	16,09 %
República Dominicana	16,06 %
Bolívia	14,36 %
Nicarágua	14,05 %
Paraguai	7,87 %
México	6,73 %
Colômbia	6,62 %
Costa Rica	5,48 %
Argentina	4,53 %
Peru	2,48 %
Uruguai	2,08 %
Venezuela	0,95 %
Chile e Cuba	0,00 %



UNIVERSIDADE  
Elisângela: sonho realizado



FÓRUM  
Neide e Victalina: trabalho pioneiro chama atenção do Unicef

Fotos Helcio Toth

# O poeta das brumas

Há 100 anos morria Cruz e Sousa, mestre do simbolismo

OSCAR D'AMBROSIO



Negro, filho de um escravo mestre pedreiro e de uma lavadeira alforriada, João da Cruz e Sousa, cujo centenário

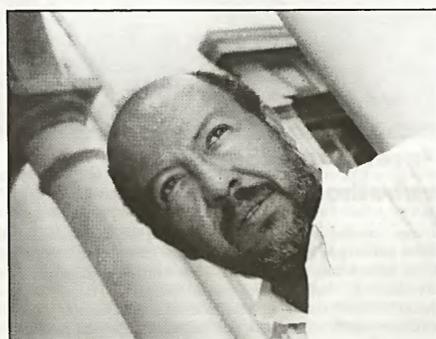
de falecimento ocorreu em março último, deixou uma obra poética que o credencia como o principal representante do simbolismo brasileiro, movimento literário do final do século XIX que valorizou o sonho, a imaginação e a escolha de palavras em função da musicalidade. "Cruz e Sousa voltou-se para a neblina, o etéreo, as brumas e o transcendente", verifica Aguinaldo José Gonçalves, professor do Departamento de Linguística do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) da UNESP, câmpus de São José do Rio Preto, e organizador do volume sobre o poeta para a série *Literatura Comentada*, da Editora Nova Cultural.

Após uma vida atribulada, marcada pela loucura da esposa, pela miséria financeira e pelo preconceito racial, Cruz e Sousa, chamado pela crítica de "Cisne Negro" ou "Dante de Ébano", adoeceu em dezembro de 1897 e, vítima de tuberculose, faleceu três meses depois, aos 36 anos. Um século depois, segundo o professor Gonçalves, o legado do escritor catarinense é sua capacidade de, assim como Carlos Drummond de Andrade, revitalizar a poesia. "Fascinado pelo mistério, Cruz e Sousa aprofundou o universo das sugestões, da ambiguidade e do sentimento sensorial do mundo."

## INÉDITOS EM LIVRO

No mês do centenário da morte do poeta, a Editora UNESP e a Editora Giordano lançaram *Dispersos: poesia & prosa* (160 páginas; R\$16,00; com desconto de 25% para a comunidade unespiana). Organizada pelos pesquisadores Iapanon Soares e Zilma Gesser Nunes, a coletânea reúne 15 poemas e 20 textos em prosa ainda inéditos em livro, todos publicados em periódicos de Santa Catarina. "Do conjunto, destacam-se as oito narrativas de *Histórias simples*", avalia Zilma, especialista em recuperação de manuscritos. "Nesses textos, Cruz e Sousa assume uma posição de defesa da emancipação dos escravos, o que contesta os críticos que o acusavam de omissão perante a questão racial."

Datado entre 1880 e 1890, o material reunido no livro é do período em que o poeta fazia sua iniciação literária em

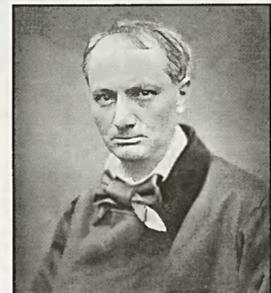


**SONHO**  
Gonçalves: éter, neblina e transcendência

jornais locais. "Como ele se mudou para o Rio de Janeiro em fins de 1890, esses textos ficaram esquecidos até agora", conta Iapanon Soares, especialista em organização e administração de arquivos e estudioso da obra de Cruz e Sousa há mais de 15 anos.

Da coletânea que co-organizou, Soares destaca o poema "Canção da Miséria". "Anuncia algumas constantes da poesia da maturidade de Cruz e Sousa, como a indignação diante da vida e a temática da noite", avalia. "No texto, uma caminhada noturna desperta a visão alucinada de um mundo demoníaco", completa Ivone Daré Rebello, prefaciadora do volume (veja poema na página ao lado).

Autora do parecer que recomendou a publicação dos textos inéditos pela Editora UNESP, a professora Ivone, doutora em Teoria da Literatura pela USP, assinala que ler os primeiros poemas da pena do escritor catarinense permite ver como sua obra evoluiu ao longo de sua curta existência. "O livro reúne um material menor, obra de iniciante", julga. "Versos circunstanciais e lírica sentimental se combinam, revelando um jovem que deseja aprender seu ofício no final do século XIX." (veja cronologia).

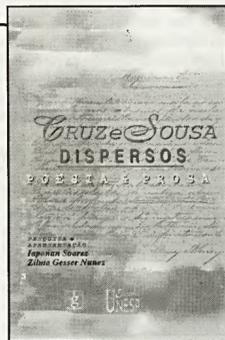
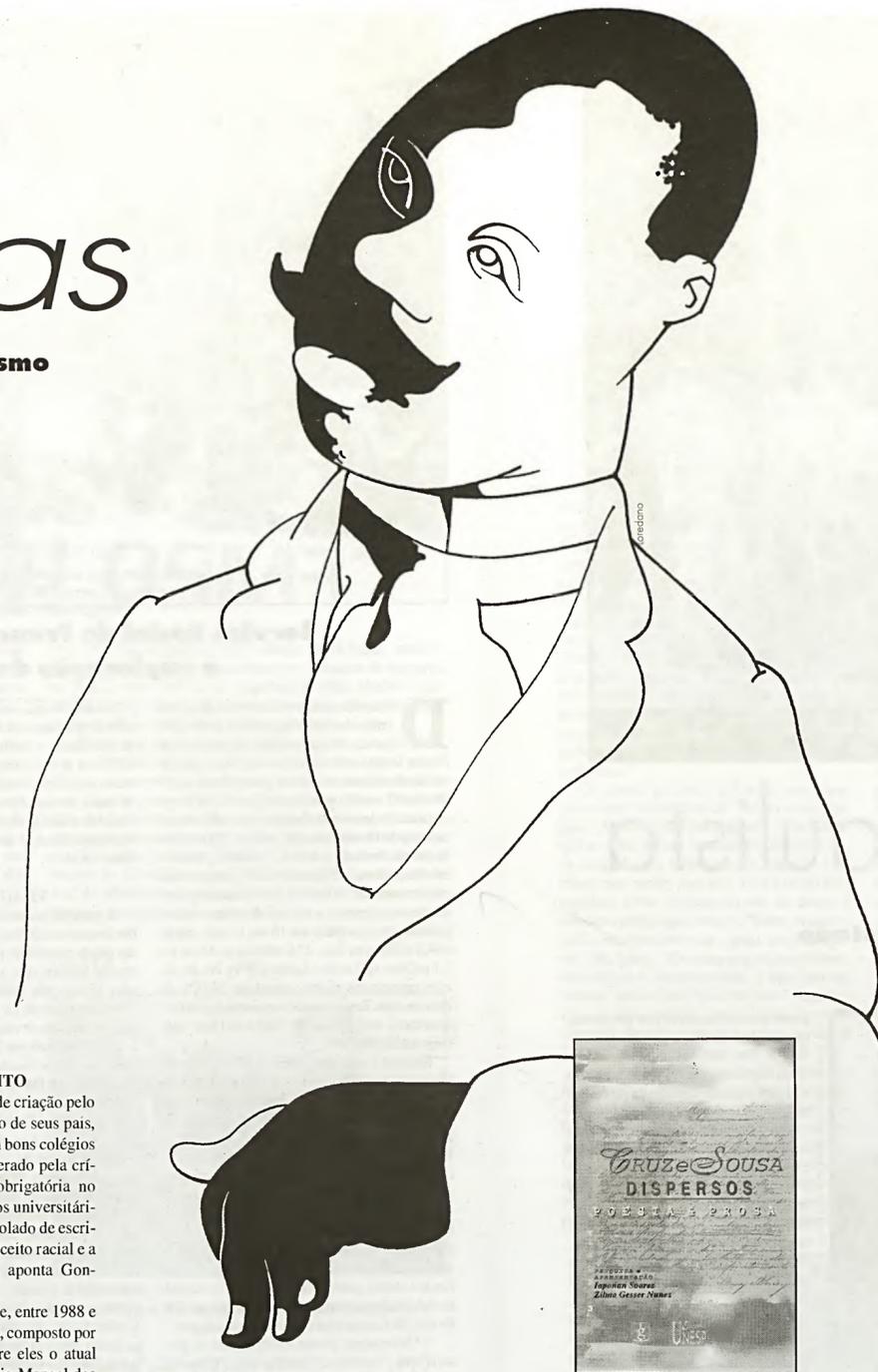


**PRECURSOR**  
Baudelaire: novos "símbolos"

Educado como filho de criação pelo casal que era proprietário de seus pais, Cruz e Sousa estudou em bons colégios e, postumamente, recuperado pela crítica, tornou-se leitura obrigatória no segundo grau e nos cursos universitários. "Ele não é um caso isolado de escritor negro a sofrer preconceito racial e a obter reconhecimento", aponta Gonçalves.

Uma prova disso é que, entre 1988 e 1995, um grupo do Ibilce, composto por nove pesquisadores, entre eles o atual reitor da UNESP, Antonio Manoel dos Santos Silva, docente de Literatura Hispano-americana e Brasileira, procurou rastrear as inúmeras formas pelas quais negros e mestiços são descritos na literatura. "A diversidade de temas e de autores era tão grande, que levou à dispersão", explica Rogério Elpidio Chociay, do Departamento de Letras Vernáculas, um dos integrantes do grupo, que estudava Gonçalves Dias, Machado de Assis, Lima Barreto, Solano Trindade, o norte-americano Langstone Hughes e o angolano Uanhenga Xitu, entre outros.

Pesquisador da obra do poeta Emiliano Pernet, contemporâneo de Cruz e Sousa, Chociay aponta que o simbolismo brasileiro não se limita ao poeta catarinense. "O período é muito rico no País, mas as antologias e livros didáticos citam apenas o Cisne Negro. Pouco se fala dos outros integrantes do movimento", alerta (veja quadro no alto da página ao lado).



## No tempo das névoas

- 1861 – Começa a Guerra de Secessão nos EUA. No dia 24 de novembro, João Cruz e Sousa nasce em Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, Santa Catarina.
- 1865 – Lincoln é assassinado. Início da Guerra do Paraguai.
- 1866 – Alfred Nobel inventa a dinamite. É criada a Ku Klux Klan.
- 1869 – Cruz e Sousa recita seus primeiros poemas em salões; Castro Alves é o poeta do momento.
- 1871 – Promulgada a Lei do Ventre Livre.
- 1876 – Alexander Graham Bell inventa o telefone.
- 1881 – Publicação de *O mulafo*, de Aluísio Azevedo, e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, início, respectivamente, do naturalismo e do realismo no Brasil.
- 1885 – Lei dos Sexagenários.
- 1888 – Abolição da Escravatura.
- 1889 – Proclamação da República.
- 1893 – Karl Benz e Henry Ford constroem seus primeiros automóveis. Cruz e Sousa publica, no Rio de Janeiro, *Missal* (poemas em prosa) e *Broquéis* (poemas em verso), marcos iniciais do simbolismo brasileiro.
- 1894 – Louis e Auguste Lumière inventam o cinematógrafo.
- 1898 – A imperatriz Elisabeth (Sissi), da Áustria, é assassinada em Milão. No dia 19 de março, Cruz e Sousa falece em Sítio, Estado de Minas, devido a uma tuberculose, mesma doença que vitima sua esposa e seus filhos. É sepultado no Rio de Janeiro.



## Cantiga da Miséria

Que fundas trevas pesadas  
por esta noite sombria...  
que mágoa pelas estradas,  
Virgem Maria!

Que tristes coisas soturnas,  
que noite, igual ao meu dia,  
que atroz lamento nas furnas,  
Virgem Maria!

Que longas ansiedades  
e que profunda agonia,  
que amarguradas saudades,  
Virgem Maria!

Que sonhos, que pesadelos  
de tumba sinistra e fria,  
que suor nos meus cabelos,  
Virgem Maria!

Que angustiosa e comprida  
a luta que me asfixia,  
que negra vida sem vida,  
Virgem Maria!

Publicado originalmente no jornal  
*Regeneração*, Desterro, 16 jul.  
1885, nº 151, p.2.

**DEMÔNIOS**  
Ivone: caminhada noturna  
desperta visão alucinada

Nelson Luís Ramos, do Departamento de Letras Modernas, também do Ibilce, destaca os iniciadores e principais representantes do simbolismo. "Os franceses Mallarmé, Rimbaud e Verlaine, influenciados pelos poemas de Baudelaire e Poe, procuravam criar imagens poéticas, ou seja, 'símbolos' que deveriam ser apreendidos pelos sentidos." Nesse contexto, Aguinaldo Gonçalves considera que o grande mérito de Cruz e Sousa está na sua forma de lidar com os adjetivos. Mas também reconhece desigualdades na obra do escritor brasileiro. "A sua linguagem se enfraquece por resíduos retóricos ou pelo uso de aspectos mágicos e místicos que diminuem o valor poético de sua obra", avalia.

Pontos positivos e negativos à parte, cem anos após a morte do poeta, os críticos concordam em pelo menos um ponto. Superando as brumas do preconceito que poderiam tê-lo apagado da história literária, Cruz e Sousa se destacou desde a infância. Menino prodígio, recebia, já aos oito anos, convites para declamar seus poemas nos salões de concerto. Quando adulto, a mesma alta sociedade catarinense começou a olhar seu espírito inovador com desconfiança. "Passou a sofrer fortes pressões sociais contra suas idéias de renovar a arte e a literatura", conta Aguinaldo. "Mesmo assim, nunca abdicou de sua condição de negro, abolicionista e republicano, como provam os textos que estamos resgatando", reflete o pesquisador Ipanon.

## Esses desconhecidos simbolistas

Embora a maioria pense o contrário, o simbolismo brasileiro não se reduz a Cruz e Sousa. Vários pesquisadores da UNESP se debruçaram sobre figuras menos conhecidas do movimento, mas igualmente importantes. Na Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Assis, por exemplo, Francine Fernandes Weiss apresentou recentemente uma dissertação de mestrado sobre o mineiro Alphonsus de Guimaraens. "Ela valoriza um poeta que merece releituras, embora sempre fique em segundo plano", diz Luiz Antonio de Figueiredo, professor de Teoria da Literatura da FCL e orientador do trabalho.

Professor do Ibilce, Rogério Chociay pesquisa a obra de Emiliano Pernet, simbolista paranaense pouco citado em antologias. "Republicano e abolicionista, ele desempenhou papel importante no painel literário do final do século XIX." Nelson Luís Ramos, também do Ibilce, concorda. "Desenvolvi meu mestrado e estou realizando meu doutorado sobre esse poeta, marcado pela espiritualismo e pelo amor sensual."

Os quase desconhecidos Freitas Vale e Dario Vellozo também foram objeto de estudo no Ibilce. "Adriana



**Pernet: amor sensual**

Zavaglia, hoje na Bélgica, foi minha orientanda e desenvolveu um belo trabalho sobre o paulista Freitas Vale, que organizava salões literários em São Paulo e escrevia poesia simbolista somente em francês", diz Chociay. "Com uma temática medieval, o paranaense Dario Vellozo atinge o simbólico e o mítico graças ao trabalho fônico e semântico que caracteriza seus poemas", conta Denise Bertolino Braido, que apresentou mestrado sobre o poeta no ano passado.



## Barroquismo e exotismo

Raul Fiker

João da Cruz e Sousa não é apenas o poeta que está para o simbolismo brasileiro como Olavo Bilac para o parnasianismo. É muito mais do que isso. É uma das grandes forças poéticas que exprimiram a sua especificidade em nossa língua. Mas não é por isso que deixa de ser o nosso poeta simbolista por excelência, cujo nome está sobretudo associado a esta corrente literária. A tal ponto, que o simbolismo no Brasil tem seu início geralmente assinalado com a publicação, em 1893, de Broquéis e Missal (este em prosa, nos moldes simbolistas), Roger Bastide (A poesia afro-brasileira; São Paulo; Martins; 1943; p. 125) coloca Cruz e Sousa entre Mallarmé e Stefan George, formando uma santíssima trindade da poesia simbolista.

A formação de Cruz e Sousa, entretanto, foi naturalista, em Ciência e Estética. Sua inclinação pelo mórbido, irônico, patético e desagregado, suas fórmulas sintáticas barroquizantes e exotismos lexicais (como enfatiza Massaud Moisés em seu excelente estudo sobre o simbolismo brasileiro) são herdados, desenvolvidos e aperfeiçoados da poesia científica e realista da década de 70 (Carvalho Jr., Teófilo Dias, Martins Jr.) e têm a inspiração baudelaireana que alcançará mais tarde este outro monstro especial que é Augusto dos Anjos.

Sua poesia atinge o cume nas profundezas do seu "eu" angustiado típico, cuja descarga apocalíptica em meados da década de 90 substitui o cientificismo exótico pelo simplesmente trágico e sombrio e sua temática centra-se enfaticamente na morte e decomposição (aqui especialmente antecedendo Augusto dos Anjos), na humilhação e no tédio.

Vala comum de corpos que apodrecem  
esverdeada gangrena  
Cobrinha vestidões que foforecem  
sobre a esfera terrena

Alguns títulos desta fase: "Calisto no Brasil tem seu início geralmente assinalado com a publicação, em 1893, de Broquéis e Missal (este em prosa, nos moldes simbolistas), Roger Bastide (A poesia afro-brasileira; São Paulo; Martins; 1943; p. 125) coloca Cruz e Sousa entre Mallarmé e Stefan George, formando uma santíssima trindade da poesia simbolista.

Ainda em meados da década de 90, contudo, a temática cristã envolve a poesia de Cruz e Sousa. E é aqui que ele é mais simbolista que nunca e realiza, nos moldes desta escola, alguns dos mais perfeitos sonetos da língua portuguesa.

Todos esses momentos de sua poesia, cada uma de suas configurações exemplares, devem ser sucessivamente redescobertas e fruídas.

Raul Fiker é professor de Filosofia do Departamento de Antropologia, Política e Filosofia, da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara.



**FERROVIAS**  
Processo de ocupação do Oeste paulista: extrema violência

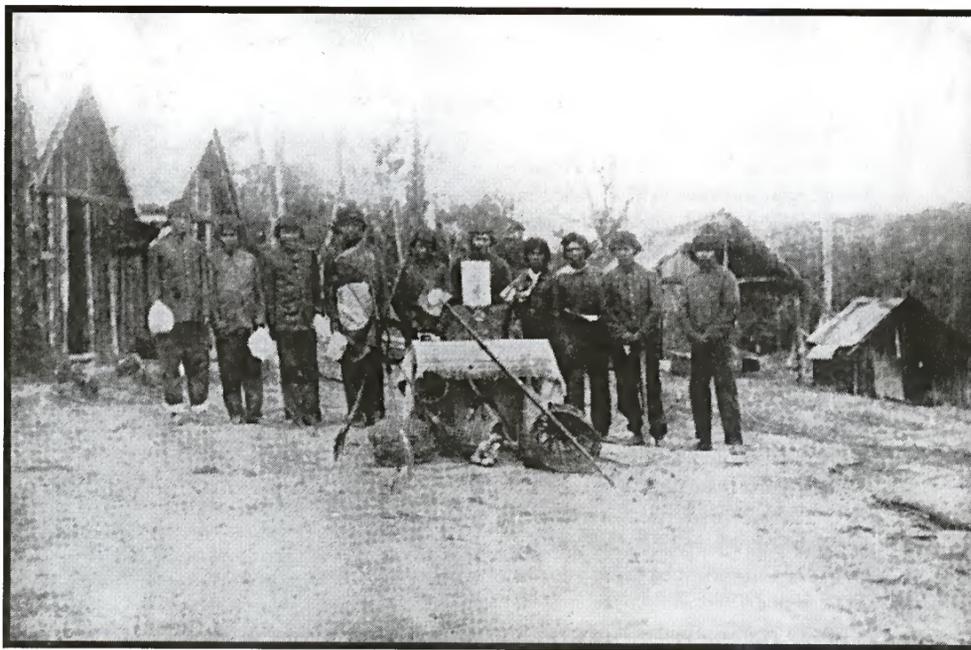
# Bangue-bangue à paulista

**O massacre dos índios na conquista do Oeste do Estado**

EVANILDO DA SILVEIRA

**M**anhã de sexta-feira, 12 de outubro de 1492. O sol tropical ilumina as ilhas do Caribe. O almirante desce à terra com um escrivão emplumado. Tem na mão direita a bandeira bordada com uma cruz e as iniciais de Fernando e Isabel, os reis católicos de Aragão e Castela, encimadas por sua coroa. O lugar é habitado pela nação dos tainos, povo de língua aruaque vindo do Orinoco vários séculos antes desse encontro, e que chama sua ilha de Guanahani. O almirante, ninguém menos que Cristóvão Colombo, batizou a ilha de São Salvador, na sua chegada descrita pelo diretor de estudos da Universidade Paris IX (Dauphine), Jacques Attali, em seu livro *1492 — Os acontecimentos que marcaram o início da Era Moderna*. Poderia se acrescentar que esse aporte marcou também o começo do fim dos índios — chamados assim por Colombo porque ele acreditava ter aportado na Índia.

Quatro séculos depois, no Brasil, o tratamento dispensado aos índios é um eco tardio, mas não menos trágico, da atitude de Colombo. A conquista do Oeste do Estado de São Paulo pouco tem a dever à do Oeste norte-americano, em termos de crueldade. A diferença é que, aqui, a colonização é menos estudada e não rendeu livros ou filmes. Aqui como lá, no entanto, essa história foi escrita à bala e às custas do extermínio de incontáveis tribos indígenas. Lá, comanches, apaches, sioux; aqui, tupinambás, tupis, guaranis e caingangues (*leia quadro*). Essa matança, ocorrida no final do século XIX e começo deste, é mostrada pelo historiador João Francisco Tidei de Lima, professor aposentado da UNESP e coordenador do Centro de Memória Regional da UNESP/



**ACULTURADOS**  
Caingangues, 1917: o cacique Rerim, envolto na bandeira, é o quarto a partir da esquerda

RFFSA, de Bauru, em sua dissertação de mestrado *A ocupação da terra e a destruição dos índios na região de Bauru*, apresentada na USP, em 1978, e prestes a se tornar livro.

O trabalho de Lima não deixa dúvidas de que o desenvolvimento do Oeste paulista, tendo como centro a cidade de Bauru, acabou com os primeiros habitantes daquela região, os índios oti-xavantes, guaranis e, principalmente, caingangues. “O processo de ocupação começou na segunda metade do século XIX e foi marcado pela extrema violência”, explica Lima. “O auge dessa ocupação ocorreu nas duas primeiras décadas do século XX, quando chegaram à região as ferrovias Sorocabana e Noroeste do Brasil,

em 1905, e a Companhia Paulista de Estrada de Ferro, em 1910.”

## IMPACTO FULMINANTE

Essas ferrovias funcionaram como uma cunha, expondo a região à invasão dos brancos. De acordo com Lima, a ocupação se deu em duas etapas. A primeira, chamada *frente de expansão*, ocorreu aproximadamente entre 1850 e 1870. “É quando são ocupados os vales do baixo rio Tietê, do Feio-Aguapeí, do Batalha e a margem direita do rio do Peixe — um extenso território genericamente denominado *região de Bauru*”, explica o pesquisador. “Neste momento, ainda era um movimento geograficamente truncado, com-

posto em sua maioria por posseiros, que se dedicavam à própria subsistência. Os contatos com os índios eram esparsos, mas já prenunciavam a organização de uma força repressora.”

Na segunda etapa, conhecida como *frente pioneira*, entre 1880/90 e a década de 1910, sistematizou-se a ocupação do Oeste. No rastro das ferrovias, chegou uma leva de pioneiros, composta por fazendeiros, empresários e plantadores de café, além de milhares de migrantes. “Em 1905, Bauru era um lugarejo de 500 habitantes”, conta Lima. “Em 1910, essa população havia saltado para cerca de 10 mil pessoas.” O impacto foi fulminante. Os índios deram o “azar” de estar na rota dessas estradas de ferro. A consequência foi um verdadeiro genocídio. “Consolidou-se, assim, a incorporação do território ao capitalismo”, diz Lima. “As sociedades indígenas, que viviam numa espécie de comunismo primitivo, estruturadas para atender às necessidades de sua subsistência, não resistiram.” De acordo com o pesquisador, o governo só resolveu intervir diretamente no trabalho de “pacificação” quando a violência armada já aproximava as tribos do limite do extermínio e retardava a própria conquista econômica da região.

Tanto na primeira como na segunda etapas, os colonizadores queriam apenas uma coisa: a terra. “Os índios que nela habitavam — outrora uma sedutora fonte de mão-de-obra para o capital mercantil — transformam-se, nesta fase, em obstáculo à ocupação”, explica Lima. “Sua organização social não se adequava às finalidades do movimento econômico, cujas franjas, já desde os anos 50 do século passado, resvalavam pelos ter-

Fotos: Centro de Memória Regional UNESP/RFFSA





**MASSACRE**  
**Tidei de Lima: índios abatidos sem piedade**

ritórios indígenas, lançando-lhes levas de 'pioneiros'."

### VISTAS GROSSAS

Lima mostra, no seu trabalho, que a violência e o impacto destruidor aumentaram na medida em que a penetração assumiu características de grande empresa – momento das tropas de *bugreiros*, o braço armado da conquista. O Estado, por sua vez, mostrou-se sempre atento e sensível às prioridades da expansão econômica, fazendo vistas grossas para o massacre. "Direta ou indiretamente, o Estado atuou para promover essa remoção, seja autorizando a formação de bandeiras, seja exibindo uma ostensiva indiferença para com as ações dos *bugreiros* e dos que lhes pagavam, seja, enfim, organizando os aldeamentos para o confinamento das populações indígenas."

Os índios que mais sofreram com essas investidas "colonizatórias" foram os caingangues. Ao contrário dos guaranis e xavantes, que se submeteram ao domínio dos brancos, os caingangues rejeitaram o contato, e tinham suas razões para isso. Eles haviam sido expulsos pelos brancos do sul do Brasil e sabiam o perigo que corriam. "Eram os únicos índios independentes na região, naquela época", diz Lima. "Os caingangues mantinham sua cultura e seus costumes e não queriam contato com o povo que chegava." Pagaram caro. Foram abatidos sem piedade. Antes da chegada dos brancos eles eram cerca de 1.500. Em 1917, restavam exatamente 173.

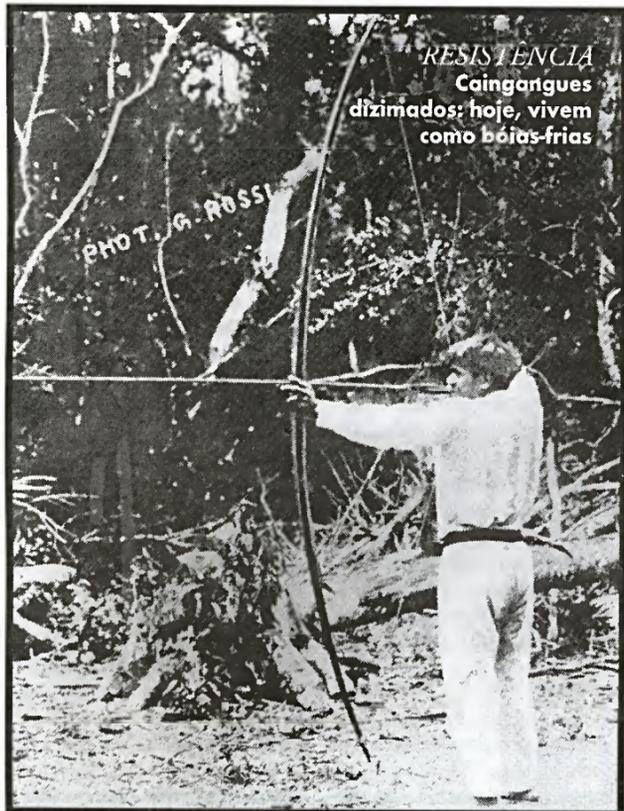
Para exterminar os índios valia tudo. Os fazendeiros e cafeicultores formavam milícias particulares, compostas de matadores profissionais, os *bugreiros*. Os métodos empregados nas matanças não conheciam limites. Iam desde um simples tiro até o envenenamento dos reservatórios de água. Há registros também de que os matadores deixavam roupas contaminadas com varíola nas proximida-

des das aldeias indígenas. Sem defesas, eles morriam às centenas.

O morticínio foi tão grande que gerou protestos na imprensa e em diversos setores da sociedade. Indigenistas e membros da Igreja, por exemplo, começaram a exigir a intervenção do Estado nesse embate desigual. "Em 1910, o então coronel Cândido Rondon criou o Serviço de Proteção ao Índio, SPI, hoje Funai", informa Lima. "O objetivo não era exatamente ajudar os índios, já que as tribos dificultavam a negociação das terras", garante o historiador. "O que o SPI fazia era destinar aos índios áreas distantes da região de interesse, liberando-a para fazendeiros e cafeicultores."

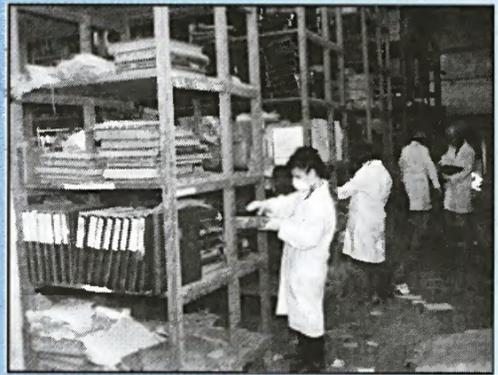
Mesmo os índios que sobreviveram sofreram muito. De acordo com estudos de Darcy Ribeiro, citados por Lima, a nação caingangue estava dividida em dois grandes clãs, que, por sua vez, eram divididos em vários subclãs. "Pelos seus costumes, um membro de um clã só podia casar com um de outro clã", comenta. "Mas não era só isso. Um componente de um determinado subclã só podia casar com um membro de outro determinado subclã do outro clã. A desobediência a essas normas era considerada incesto e punida com pena de morte."

Com a matança generalizada, muitos desses subclãs foram extintos e, conseqüentemente, os casamentos tornaram-se mais e mais inviáveis. "Assim, a população de caingangues, que após a sua rendição havia sido confinada nas reservas Icatu e Vanuíre, em vez de aumentar começou a diminuir", relata Lima. "Apenas nos anos 60, com a atuação da Funai, o número de caingangues voltou a crescer. Hoje, eles são cerca de 350, mas perderam muito de seus costumes e da sua cultura. Vivem, em sua maioria, como bóias-frias, ganhando R\$ 30,00 por semana no corte de cana." Triste fim para uma nação cuja ambição era viver em paz, entre pescarias e caçadas.



## Um centro para a memória

Jornais, filmes e revistas contam a história do século



Depois de terminar sua pesquisa sobre a ocupação da região Oeste de São Paulo e transformá-la em livro, o historiador João Francisco Tidei de Lima está agora ocupado em organizar o Centro de Memória Regional UNESP/RFFSA. O centro começou a tomar forma no dia 10 de fevereiro de 1992, quando um convênio foi assinado pelo então reitor Paulo Milton Barbosa Landin e pelo superintendente regional da Rede Ferroviária Federal S. A., em Bauru, João Baptista Pacheco Fantin.

Funcionando desde janeiro de 1994, o Centro de Memória começou como Arquivo Ferroviário, depositário de toda a documentação manuscrita, impressa e fotográfica da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, fundada em 1904. "Uma das primeiras doações foi feita pelos índios caingangues remanescentes", conta Lima. "Eles nos entregaram 45 livros da Funai, com os registros da história do massacre que sofreram."

Além desses arquivos, o centro preserva vários outros documentos importantes. Lá estão guardados, e à disposi-

ção do público, para consulta, por exemplo, a coleção dos 30 primeiros números da revista *Gibi*, editados no Brasil em 1939; as primeiras 52 edições da primeira revista de cinema do país, *Scena Muda*, de 1921; todas as edições do jornal *Gazeta Esportiva* que cobriram a Copa do Mundo de 1950; e a coleção de *O Cruzeiro*, noticiando a Revolução de 1930.

O acervo do Centro de Memória Regional da UNESP/RFFSA inclui também os arquivos do Sindicato dos Ferroviários de Bauru e do Fórum da cidade, que possui documentos sobre as eleições do município desde 1904. "Recebemos ainda dois projetores e 20 latas de filmes das décadas de 1930, 1940 e 1950", comemora Lima. "São películas preciosas de Tarzan, faroestes antigos, desenhos e jornais."

O centro está aberto ao público de segunda a sexta-feira, das 8 às 17h. "Infelizmente, por falta de recursos e de pessoal, só conseguimos organizar 40% do material que temos", lamenta Lima.

## As últimas nações indígenas

Eles somavam 5 milhões. Hoje, são pouco mais de 300 mil



Talvez não tivessem consciência disso, mas ao atear fogo ao corpo do índio pataxó Galdino dos Santos, em Brasília, no ano passado, aqueles garotos abastados nada mais fizeram que levar ao extremo a incompreensão e o desprezo que sempre marcaram a atitude dos brancos em relação aos primeiros habitantes do Brasil. Os pataxós foram os indígenas que receberam Pedro Álvares Cabral, quando ele aportou na região onde hoje fica Porto Seguro, no dia 22 de abril de 1500.

Embora a recepção aos portugueses tenha sido amistosa, os antepassados de Galdino foram praticamente dizimados. Calcula-se que, naquele época, havia 1.175 etnias na nova terra, que somavam 5 milhões de habitantes. Hoje, estes números estão reduzidos a 206 nações, compostas por não mais que 325 mil índios, segundo a Funai. As causas dessa drástica redução vão desde o assassinato puro e simples até epidemias, passando por suicídios, guerras tribais induzidas pelos brancos, confinamento em reservas e perda de terras.

Dos povos sobreviventes, pelos menos 60 evitam o contato com os brancos e vivem isolados nas florestas, principalmente na Amazônia, mantendo intactos seus costumes, crenças e cultura. Vivem

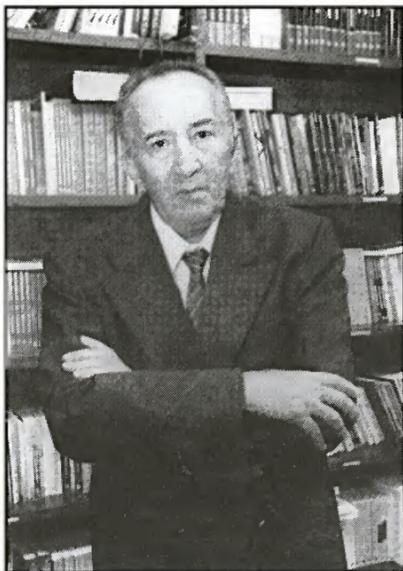
da caça, pesca, coleta e agricultura de subsistência. Resistem com violência à invasão de suas terras e, quando não podem mais sustentar o confronto, recuam para pontos ainda mais inacessíveis. O problema é que essa estratégia tem seus custos, como a diminuição das populações. Levam um sistema de vida errante, numa luta diária pela sobrevivência.

Por incrível que pareça, a situação dos índios no Brasil já foi pior. De acordo com estudos do antropólogo Darcy Ribeiro, no final dos anos 50 a população indígena variava entre um mínimo de 68 mil indivíduos a um máximo de 100 mil. Ele calculou que apenas entre 1900 e 1957 desapareceram 87 etnias. Com reservas garantidas pelo Estado, principalmente a partir dos anos 60, o número de índios cresceu. Hoje eles estão espalhados por uma área de 947 mil quilômetros quadrados, mais do que as superfícies da França e da Alemanha juntas. Só os ianomâmis dispõem de um território de 96 mil quilômetros quadrados, área equivalente ao Estado de Pernambuco. Apesar disso, muitos povos agonizam, como é o caso, para citar dois exemplos, dos aricapus, de Rondônia, reduzidos a um grupo de seis pessoas, e o jumas, no Amazonas, com sete representantes.



# Editora lança 24 títulos

**Feira oferece  
150 mil obras  
de 800  
expositores**



CBL  
Altair Brasil: aproximando a população dos bons livros

O Expo Center Norte será a capital nacional do livro durante os doze dias da 15ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo. De 29 de abril a 10 de maio, mais de 800 expositores do Brasil e do Exterior colocarão lá 150 mil obras, entre elas, 4 mil lançamentos, à disposição do 1,4 milhão de visitantes esperados pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), entidade que organiza a feira. "Podemos dizer que nossa Bienal já é a terceira feira do mundo do setor, perdendo apenas para as de Frankfurt e Chicago", informa Altair Brasil, presidente da CBL.

A Editora UNESP estará presente na Bienal no estande 26 do Pavilhão Azul. Numa área de 100 m<sup>2</sup>, serão expostos os mais de 150 livros lançados nos últimos dez anos e os 24 lançamentos para o evento (veja relação completa nesta página). "Temos grandes esperanças em alguns desses títulos", diz o editor executivo Tulio Kawata. Ele destaca *Uma vida para a História*, de Jacques Le Goff ("É

uma entrevista em que o historiador francês relata os dilemas e convicções no exercício de seu trabalho.") e *Reflexões sobre o saber histórico: entrevistas com Pierre Villar, Michel Vovelle e Laboriaux*, organizado por Márcia D'Alessio ("Reúne depoimentos de importantes historiadores.").

Nos dias 29 e 30 de abril, a feira estará aberta apenas a profissionais do mercado editorial e convidados, abrindo dia 1º à visitação do público em geral. Nesse mesmo dia, serão entregues, pela CBL, as estatuetas dos vencedores do Prêmio Jabuti e anunciados os Livros do Ano de 1997 (veja reportagem nesta página). Os ingressos custam R\$5,00 (adultos) e R\$2,50 (estudantes), e crianças menores de 12 anos não pagam. Além da exposição de livros, haverá mesas-redondas e palestras paralelas organizadas pela CBL. "Todo o esforço é para que a feira seja um meio efetivo de aproximar a população do livro", diz Altair Brasil.

## Novidades na Bienal

- *Ano 1000, ano 2000*, de Georges Duby
- *Computadores, mentes e conduta*, de Graham Button
- *Conhecimento sexual e ciência sexual*, de Roy Porter e Mikulás Teich
- *Debate sobre o expressionismo*, Carlos Eduardo Jordão Machado (organizador)
- *Dinheiro, poder e espaço*, de Stuart Corbridge
- *Dispersos: poesia e prosa — Cruz e Sousa*, pesquisa e apresentação Iaponas Soares e Zilma Gesser Nunes
- *A educação como política social*, de Domenico Izzo
- *A epopéia em prosa seiscentista*, de Adma Muhana
- *Formação de professores*, de Raquel Volpato Serbino, Ricardo Ribeiro, Raquel Lazzari Leite Barbosa, Raimundo Abau Gebran
- *Hegel, Marx e a tradição liberal*, de Domenico Losurdo
- *A liberdade do cristão*, de Martinho Lutero
- *Introdução à crítica da razão árabe*, de Mohammed Abed Al-Jabri
- *Introdução à filosofia política*, de Christian Ruby

- *Línguas e jargões*, de Peter Burke e Roy Porter
- *Sobre as naus da iniciação*, Carlos Alberto Iannone, Márcia Valéria Zamboni e Renata Soares Junqueira (organizadores)
- *Política, sociologia e teoria social: encontro com o pensamento social clássico e contemporâneo*, de Anthony Giddens
- *O que há de político na política*, Oscar Negt e Alexander Kluge (organizadores)
- *Reflexões sobre o saber histórico: entrevistas com Pierre Villar, Michel Vovelle e Laboriaux*, de Márcia D'Alessio
- *Da senzala à colônia*, de Emília Viotti da Costa
- *Shakespeare: poeta e cidadão*, de Victor Kieman
- *Subjetividade, argumentação, polifonia e o discurso da propaganda*, de Helena Hathsue Nagamine Brandão
- *Teorias da etnicidade*, de Philippe Poutignat e Jocelyne Steiff-Fenart
- *Uma vida para a história*, de Jacques Le Goff
- *A violência e o sagrado*, de René Girard

## PRÊMIO

# A festa do Jabuti

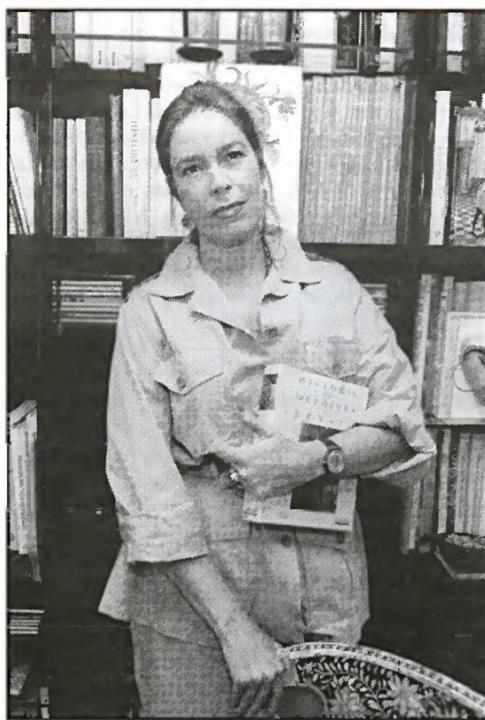


ENSAÍSTA  
Maria Ângela D'Incao:  
facetas da sexualidade

Entregue desde 1958 pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), o Prêmio Jabuti é a principal láurea do setor. Neste ano, a Editora UNESP, que já contabilizava nove prêmios, recebeu o décimo de sua existência. A honraria coube a *História das mulheres no Brasil*, organizado por Mary Del Priore, na categoria Ciências Humanas. Além dessa obra, mais duas foram indicadas entre as dez melhores em suas respectivas categorias: *O corpo da pátria*, de Demétrio Magnoli (leia resenha na página 13 desta edição), que concorreu na área de Ciências Humanas, a mesma do trabalho organizado pela historiadora Del Priore; e *Metamorfoses*, de Edward Lopes, na categoria Melhor Ensaio ou Biografia. "Essas indicações mostram que estamos no caminho certo", diz o

diretor-presidente da Editora UNESP, José Castilho Marques Neto.

*História das mulheres no Brasil* reúne 20 textos e mais de 100 ilustrações sobre a condição feminina no País. "A intenção da obra é trazer à tona a aventura existencial da mulher e desmistificar as visões estereotipadas que a acompanham desde a chegada de Cabral", diz Mary Del Priore, professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, e organizadora do volume em que participam a socióloga Maria Aparecida Moraes Silva e a cientista social Maria Ângela D'Incao, ambas docentes da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara, pesquisadoras que enfocam diversas facetas das relações sociais e da sexualidade da mulher brasileira.



Editora UNESP  
recebe maior  
láurea do setor

ORGANIZADORA  
Del Priore: *História das  
Mulheres no Brasil*

O geógrafo Demétrio Magnoli, em *O corpo da pátria*, livro originalmente defendido como tese de doutorado no Departamento de Geografia da USP, estuda o território brasileiro, sob uma perspectiva original que articula fatos internos e política externa. Nesse contexto, os Estados nacionais ganham destaque. "Suas decisões políticas definem os ritmos e as formas de integração internacional dos mercados no processo de globalização", diz o autor.

Em *Metamorfoses: a poética de Cláudio Manuel da Costa*, o lingüista Edward Lopes analisa a produção do poeta árcade no contexto da Inconfidência Mineira. "São necessários maiores estudos sobre o arcadismo para que ele ocupe, ao lado do romantismo e do moder-

nismo, lugar de destaque entre os períodos literários nacionais", diz o autor, docente aposentado do Departamento de Linguística da FCL, câmpus de Araraquara.

No dia 1º de maio, na abertura para o público da Bienal do Livro de São Paulo, a CBL entregará uma estatueta aos três vencedores de cada uma das 15 categorias em que o Prêmio é outorgado. Também anunciará o primeiro colocado por categoria, que receberá um prêmio de R\$1.000. Na mesma cerimônia, a CBL tornará públicos os ganhadores do título Livro do Ano de Ficção e Livro do Ano de Não-Ficção, que recebem R\$12 mil cada. "Ser reconhecido pelo público e pela crítica, editar bons livros e estar presente na mídia são nossos objetivos", conclui Castilho.



# O intelectual inatacável

**As complexas relações entre o poder e a ética, em agudos ensaios de Norberto Bobbio**

ALEJANDRO FABIAN

Que caracteriza um intelectual? Qual é a relação dele com o poder? Como deve agir perante a ética? Essas e outras questões são enfocadas, sob uma perspectiva que sempre evita generalizações e estereótipos, pelo filósofo italiano Norberto Bobbio em *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*.

Inicialmente, Bobbio mostra que, ao lado do poder econômico e do político, existe o poder ideológico, que age sobre as mentes pela produção e transmissão de idéias, de símbolos, de visões de mundo e de ensinamentos práticos mediante o uso da palavra oral, da literatura e da polémica.

Ao reunir textos publicados entre 1953 e 1992, o livro discute a complexa relação entre a política e a cultura. Ao se engajar partidária ou ideologicamente, o intelectual trai sua condição inerente de pensador sobre a realidade que o cerca? A resposta, para Bobbio, está na defesa permanente do intelectual de valores morais inatacáveis. O homem de cultura, portanto, acima de tudo, defenderia valores morais elevados, como a democracia e a justiça. Esse tipo de atitude daria ao intelectual o papel de legítimo cidadão, solidário e voltado para ações em nome da paz mundial.

O princípio básico é que a consciência moral tem o poder de salvar o mundo e, caso ocorra uma destruição pela ignorância que gera as guerras, seria sempre o ponto inicial para a reconstrução. Na orelha do livro, o tradutor Marco Aurélio Nogueira, cientista político e professor da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara, destaca os intelectuais de porte que Bobbio toma como apoio: Benedetto Croce, Ortega y Gasset, Julien Breda e Karl Man-

nheim, todos preocupados com os elos entre os intelectuais e a classe política.

Bobbio também estuda por que os intelectuais costumam expressar seu pensamento por meio de manifestos, enquanto os operários realizam greves. A pouca eficácia desses documentos, para o filósofo, residiria no fato de serem assinados sempre pelas mesmas pessoas e por repetirem uma mesma linguagem persuasiva e vazia em sua retórica. Nesse contexto, os intelectuais são acusados de traidores (passam para o lado inimigo) ou desertores (abandonam os amigos), havendo ainda os não-políticos que, diferentemente dos apolíticos ou politifobos, assumem, como Bobbio, uma visão distanciada baseada na tradição do pensamento intelectual.

Um texto revelador é o que encerra o volume. Trata-se de uma breve narrativa autobiográfica da viagem realizada por Bobbio à China, em 1955. Ressaltam-se nele duas questões: a peculiar visão do comunismo na terra de Mao e, o que é mais importante, a cega defesa dos ideais marxistas perante as atrocidades cometidas na Ásia e também na Rússia stalinista.

Embora Bobbio admita não estar disposto a apostar na salvação da humanidade neste final de século, ele acredita que o único caminho para um mundo mais justo seja a democracia e a o socialismo, entendido como uma distribuição igualitária que elimine o contraste entre poderosos e enfraquecidos e permita a existência de filósofos e profetas desarmados aptos a criar uma sociedade em que a distinção entre intelectuais e não-intelectuais simplesmente "não tenha mais razão de ser".

O filósofo Norberto Bobbio: caminhos para um mundo mais justo



*Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*, de Norberto Bobbio; tradução de Marco Aurélio Nogueira; Editora UNESP; 192 páginas; R\$22,00. Desconto de 25% para a comunidade unespiana.

# O imaginário geográfico

**O território brasileiro como identidade nacional**

Com a queda do Muro de Berlim e o fim da Guerra Fria, cientistas sociais e economistas se apressaram em decretar o término da história, das ideologias e dos Estados nacionais. No entanto, estes últimos, segundo o geógrafo Demétrio Magnoli, em *O corpo da pátria: imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912)*, permanecem vivos e tendem até a crescer, pois representariam "a única instância capaz de conduzir o processo de globalização, por meio de decisões políticas cujas conseqüências definem os ritmos e as formas de integração internacional dos mercados".

Originalmente defendido como tese de doutorado no Departamento de Geografia da USP, o trabalho de Demétrio Magnoli estuda o "corpo da pátria", ou seja, o território brasileiro, sob uma perspectiva original que articula fatos internos e política externa, fato que valeu à obra a indicação para o Prêmio

Jabuti 1998, na área de Ciências Humanas.

Uma das premissas do autor é que ainda não teria sido inventado um substituto para o Estado nacional na produção de identidades coletivas capazes de manter as sociedades unidas. Por isso, cabe ao Estado fornecer o poder de coesão que legitima os governos. De acordo com Magnoli, a origem mítica do Estado deve ser situada numa fase anterior aos homens e à história. Especificamente no caso brasileiro, a geografia, ou, como prefere o autor, "a imaginação geográfica", de-



*O corpo da pátria: imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912)*, de Demétrio Magnoli; Editora UNESP; Editora Moderna; 320 páginas; R\$28,00. Desconto de 25% para a comunidade unespiana.

sempenhou papel crucial na produção de uma identidade nacional, fornecendo uma narrativa territorial poderosa.

Coube ao historiador português Jaime Cortesão sustentar a tese de que o Estado lusitano operou pela instrumentalização de um mito geográfico: a Ilha-Brasil. Segundo essa interpretação, Portugal teria difundido a lenda de que a colônia americana era uma entidade territorial envolvida pelas águas de dois grandes rios, o Amazonas e o Prata. A Ilha, de proporções continentais, teria uma vasta unidade ecológica associ-

ada à configuração de um espaço cultural indígena. Assim, as fronteiras naturais estabelecidas pelos portugueses contrariavam as linhas demarcatórias artificiais de Tordeasilhas. A força da noção da Ilha-Brasil derivaria da subversão do horizonte histórico e diplomático ibérico e da sua substituição por um ordenamento ancestral. Portanto, no período focado pelo autor, o Brasil se distinguiria das outras nações pela produção de um imaginário geográfico destinado a prolongar no futuro, como realidade, o mito de um território natural de dimensões continentais indiviso, isolado e preexistente à chegada dos colonizadores europeus.

O tema, instigante, gera uma pergunta: quais os mitos geográficos que alimentam o País, hoje? A tarefa é ideal para cientistas que, como Demétrio Magnoli, encontram, em cada mapa, complexas relações políticas e ideológicas a serem desvendadas.

(A.F.)



# Dez anos de luta

**Entidade comemora uma década e lança revista com indicadores ambientais**

Neste ano em que comemora uma década de existência, a Sociedade de Ecologia do Brasil (SEB), sediada no Centro de Estudos Ambientais (Cea), unidade complementar da UNESP em Rio Claro, está lançando a revista semestral *Brazilian Journal of Ecology*. "A primeira edição é um volume especial, pois traz os resumos expandidos dos trabalhos apresentados no I Simpósio sobre Indicadores Ambientais, realizado em junho último, na PUC de Sorocaba", informa a ecologista Sâmia Maria Tauk Tornisielo, presidente da instituição.

Docente do Cea, Sâmia informa que a SEB tem a finalidade de agregar todas as pessoas, profissionais ou não, que se interessam pelo estudo da ecologia. "Por isso, estamos sempre promovendo e divulgando o conheci-

mento na área ambiental, seja na realização de eventos técnico-científicos e cursos ou na edição de publicações", explica.

Após a edição especial, a SEB lançou o número 2 da revista, acessível ao público na forma impressa e em disquete. "O projeto é que o próximo volume seja editado na forma de CD-Rom", espera Sâmia. Por enquanto, é possível acessar o resumo dos artigos do segundo volume pelo endereço eletrônico [www.igce.unesp.br/ib/cea/seb](http://www.igce.unesp.br/ib/cea/seb). Maiores informações sobre a revista podem ser conseguidas pelo e-mail [seb@life.ibcr.unesp.br](mailto:seb@life.ibcr.unesp.br)

Ao longo de 1998, a SEB também estará envolvida na organização do 4º Congresso de Ecologia do Brasil, a ser realizado de 4 a 8 de outubro, em Belém-PA. Auto-ecologia, ecologia



SEB  
Sâmia Tauk: divulgação do conhecimento na área ambiental

energética, agroecologia, relações bióticas, manejo e recuperação de ecossistemas, e engenharia ecológica serão alguns dos temas abordados. "A programação abrange diversas áreas

do conhecimento, desde as ciências biológicas às humanas", diz o presidente do Congresso, ambientalista Carlos Costa, docente da faculdade de Ciências Agrárias do Pará (Fcap).

Maiores detalhes sobre o evento podem ser obtidos no Departamento de Biologia Vegetal e Fitossanidade da Fcap, pelos telefones (091) 210-5204/210-5105.

## LANÇAMENTOS DE DOCENTES

### FITOTERAPIA



**Plantas medicinais: uso popular na reserva extrativista "Chico Mendes"** - Acre, de Lin Chau Ming, Paulo Gaudêncio e Virgílio Padilha dos Santos; Centro de Estudos de Plantas Medicinais da UNESP e Parque Zoológico da Universidade Federal do Acre; 168 páginas. Informações: (014) 821-3883.

### Plantas que curam

Resultado de um trabalho de pesquisa realizado desde 1991, graças a entrevistas com 53 seringueiros indicados pela própria comunidade como conhecedores da floresta e experientes no uso de plantas como medicamento, *Plantas medicinais: uso popular na reserva extrativista "Chico Mendes"* - Acre reúne dados sobre as 134 espécies mais utilizadas para fins medicinais pela população da região. O engenheiro agrônomo Lin Chau Ming, professor da disciplina Plantas Medicinais da Faculdade de Ciências Agrônomicas da UNESP, câmpus de Botucatu, o agente de saúde Paulo Gaudêncio e o seringueiro Virgílio Padilha dos Santos organizaram as espécies em forma de fichas. Para facilitar a consulta, as espécies foram catalogadas em ordem alfabética segundo suas denominações populares. Nomes populares e científicos, família botânica, parte usada na cura, formas de uso popular e local onde cresce a planta são os principais dados obtidos. "Além disso, boa parte das fichas apresenta desenhos para facilitar o reconhecimento da espécie pelos leitores", diz o professor Ming.

### POLÍTICA



**Tiradentes, um presídio da ditadura: memórias de presos políticos**, de Alípio Freire, J. A. de Granville Ponce e Izaías Almada; Scipione Cultural; 550 páginas; R\$ 54,00.

### Porões da ditadura

Traçar um perfil da ditadura militar do ponto de vista dos presos políticos do presídio Tiradentes, edifício demolido em 1973 para dar lugar às obras do metrô paulistano. Essa foi a proposta dos jornalistas Alípio Freire e J. A. de Granville Ponce e do escritor Izaías Almada em *Tiradentes: um presídio da ditadura: memórias de presos políticos*. O livro reúne 32 depoimentos de presos, desenhos do artista plástico Sérgio Ferro, também detido pela repressão, sete textos teóricos e material fotográfico sobre os anos 60 e 70. O sociólogo Marcelo Ridenti, professor do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara, é um dos ensaístas. "A luta da esquerda armada brasileira foi uma das manifestações mais radicais do romantismo revolucionário naqueles anos", diz. Quanto ao livro, acredita que seja uma forma de recuperar o passado recente. "Quebrar o encantamento de versões idealizadas e retomar o espírito libertário daqueles anos é uma tarefa dos intelectuais e militantes de esquerda preocupados hoje em esboçar uma alternativa socialista inovadora."

### EDUCAÇÃO BÁSICA



**Estrutura e funcionamento da educação básica - leituras**, vários autores; Editora Pioneira; 404 páginas; R\$ 40,00.

### A nova LDB

Alunos e professores dos cursos de Pedagogia e de Licenciaturas precisam conhecer a organização do sistema educacional brasileiro e as concepções da nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional — a Lei Federal nº 9.394/96, elaborada a partir de projeto do senador Darcy Ribeiro. Um bom caminho para penetrar nessa área sob as mais variadas perspectivas é a coletânea *Estrutura e funcionamento da educação básica - leituras*. Ao longo de todos os 14 ensaios, há reflexões sobre os rumos da educação na atual conjuntura nacional. Entre os autores, Maria de Lourdes Mariotto Haidar, Secretária Geral da UNESP, e Leonor Maria Tanuri, professora do curso de pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília, e assessora da pró-reitora de graduação. Participam do volume com um artigo que, ao tratar da educação básica no Brasil, enfoca desde a chegada dos jesuítas em 1549 até a aprovação da nova LDB. "O principal objetivo do livro é ajudar a promover a educação democrática no Brasil", ressalta a professora Leonor.

### ECOLOGIA



**A vivência ambiental a partir de frases e momentos**, de Luiz Cesar Ribas; Fundação de Estudos e Pesquisas Agrícolas e Florestais da Faculdade de Ciências Agrônomicas da UNESP; câmpus de Botucatu. Informações: (014) 821-3883.

### Nova gestão ambiental

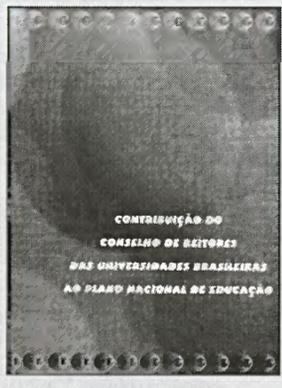
Crescimento econômico com melhoria do meio ambiente não é impossível e pode ser realizado com conscientização da sociedade e vontade política. Essa é uma das conclusões do engenheiro florestal Luiz Cesar Ribas, professor do Departamento de Economia e Sociologia Rural da Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA) da UNESP, câmpus de Botucatu, em *A vivência ambiental a partir de frases e momentos*. A obra enfoca contribuições técnicas e legais à proteção da fauna silvestre, trata dos componentes ambientais do eucalipto na arborização urbana e discorre sobre contribuições técnicas à proteção de áreas de mananciais. São também abordados aspectos técnicos e jurídicos da atividade mineradora e da recuperação ambiental, e as relações entre Estado, sociedade e política ambiental em tempos neoliberais. Na última parte, há um ensaio sobre um novo modelo de gestão ambiental. "Nestes tempos de neoliberalismo, globalização e de certificação florestal, a obra contribui para que a sociedade tenha mais elementos para sua orientação e reflexão sobre a questão do meio ambiente", diz o docente.

## ENSINO SUPERIOR

### Em busca de aperfeiçoamento

O Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (Crub) publicou há pouco o documento *Contribuição do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras ao Plano Nacional de Educação*, elaborado a partir dos debates realizados nas reuniões regionais do Crub Itinerante nas cidades de Goiânia, Porto Alegre, Fortaleza, São Paulo e Rio de Janeiro, entre setembro e outubro passados. "O documento registra que consideramos importante não só a articulação do ensino superior com os demais níveis de ensino, como também o atendimento às necessidades e expectativas do terceiro grau num plano mais amplo de atuação", diz José Carlos Almeida da Silva, presidente do Crub e reitor da Universidade Católica de Salvador (UCSal).

O texto enfoca a Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e Bases em função do Plano Nacional de Educação. Também traz propostas relativas à expansão e à renovação do ensino superior brasileiro. "Esperamos que as idéias contidas no documento possam colaborar para o aperfeiçoamento do ensino no País", conclui o presidente do Conselho. Informações para obter o documento podem ser obtidas no próprio Crub, pelo telefone (061) 272-2960.



**ARAÇATUBA**

• 17/04. Início do curso de extensão universitária **Periodontia** (Teórico-Prático e Teórico-Prático/Demonstrativo). Promoção da disciplina Periodontia do Departamento de Diagnóstico e Cirurgia da Faculdade de Odontologia (FO). Até 12/12. Às sextas-feiras, das 19h às 23h; e, aos sábados, das 8h às 12h e das 14h às 18h. Atividades teóricas na sala 5 da FO e atividades práticas no Laboratório Multidisciplinar e Clínica II. Informações: (018) 624-5555, ramal 239.

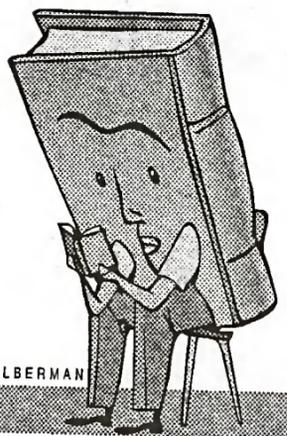
**ARARAQUARA**

• Meses de abril e junho. **Curso Gestão da Qualidade Total e ISO 9000**. Para docentes, funcionários e alunos do câmpus. Promoção do Departamento de Alimentos e Nutrição da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF). Na FCF. Informações: (016) 232-0200, ramal 211, com Cristina.

**ASSIS**

• A partir de março. **Pronto Atendimento Psicológico**, dentro do Projeto "Estratégias de Atenção ao Aluno". Destinado aos alunos do câmpus. Atendimento diário no período da manhã e da tarde. Promoção do Centro de Psicologia Aplicada (Cpa) "Doutora Betti Katzenstein", unidade auxiliar do câmpus de Assis. Informações: (018) 322-2933, ramal 247, com a psicóloga Heidi.

• A partir de março. **Orientação de Saúde e Sexo Seguro**, dentro do projeto "Estratégias de Atenção ao Aluno". Destinado aos alunos do câmpus. Informações: (018) 322-2933, ramal 290, na Unidade de Atendimento Médico, Odontológico e Social (Unamos), com a enfermeira Leila.



ZILBERMAN

• Já estão abertas as inscrições para o V Encontro de **Professores de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, a ser realizado de 5 a 8/05. Reunião de professores universitários, professores de 1º e 2º graus, alunos de cursos de graduação, pesquisadores, tradutores, escritores e estudiosos de línguas e literaturas estrangeiras. Presença de estudiosos brasileiros e estrangeiros vinculados ao alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, japonês e português para estrangeiros. Promoção do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras (FCL). Informações: (018) 322-2933.

• 10/04. Último dia de inscrição para o exame de seleção de candidatos para o Curso de Pós-Graduação em **Psicologia**, nível de mestrado, área Psicologia e Sociedade. O processo seletivo ocorrerá de 25/04 a 30/05, com divulgação do resultado em 8/06. Informações na Seção de Pós-Graduação da FCL. Informações: (018) 322-2933, ramal 216.

**BAURU**

• 1º/04. Último dia de inscrição para o Curso de Extensão **Windows e Word 97** (versão 8), a ser realizado de 2/04 a 7/05. Para iniciantes e pessoas com no-

ções de Windows. Aulas às quintas-feiras das 13h30 às 17h. Promoção do Colégio Técnico Industrial "Prof. Isaac Portal Roldan", unidade complementar da UNESP, em parceria com a Rede UNESP de Difusão da Ciência e da Tecnologia. Informações: (014) 230-2166 ou 230-2111, ramal 291, no Escritório Regional da Rede UNESP.

• 1º/04. Último dia de inscrição para o Curso **Tratamento Térmico de Resíduos Sólidos**, a ser realizado de 13 a 17/04. Promoção da Fundação para o Desenvolvimento de Bauru (Fundeb). Na Faculdade de Engenharia e Tecnologia (FET). Informações: (014) 230-2111, ramal 148.

• 3, 4, 10, 11, 17, 18, 24 e 25/04. **Curso Sistemas Motomecanizados: operação e manutenção**. Promoção da Fundeb. No Laboratório de Máquinas Agrícolas da FET. Informações: (014) 230-2111, ramal 148.

• 15 a 30/04. Período para a inscrição no curso **Matemática Financeira Básica**, a ser realizado de 5 a 8 e 12/05. Promoção da Fundeb. Na FET. Informações: (014) 230-2111, ramal 137.

• 22 a 30/04. Período de inscrição ao Curso **Introdução à Estatística**, a ser realizado de 4 a 30/05. Destinado a alunos do curso de relações públicas da UNESP, câmpus de Bauru. Promoção da Fundeb. Na FET. Informações: (014) 230-2111, ramal 137.

• Já estão abertas as inscrições para o Curso **Projeto em Estruturas de Aço**: dimensionamento de perfis de chapa dobrada, a ser realizado em maio e junho. Às quartas e quintas-feiras das 19h às 21h30. Promoção da Fundeb. Na FET. Informações: (014) 230-2111, ramal 195.

• Já estão abertas as inscrições para o Curso **Execução de Estruturas de Concreto Armado com Qualidade e Durabilidade**, a ser realizado de maio a junho. Promoção da Fundeb. Na FET. Informações: (014) 230-2111, ramal 195.

**AGENDA**

RELAÇÃO DOS EVENTOS PROMOVIDOS  
PELAS UNIDADES NO MÊS DE ABRIL

**BOTUCATU**

• 2 a 4/04. II Encontro de Profissionais, Pais e Mães de Crianças Portadoras de Autismo e I Jornada de **Autismo** de Botucatu. Promoção da Disciplina de Neuropediatria do Departamento de Neurologia e Psiquiatria. No Salão Nobre da Faculdade de Medicina de Botucatu. Informações no Departamento: (014) 821-2121.

• 16 e 17/04. III Workshop Integração Pesquisa-Ensino "**Mestrado-Profissional: uma alternativa para a agroindústria**". Promoção do Centro de Raízes Tropicais. Informações: (014) 821-3883/821-9050.

• 25/04. 6º Dia de Campo na **Cultura do Milho**. Promoção das Fazendas de Ensino, Pesquisa e Produção da Faculdade de Ciências Agrônômicas. No Terreno de Café da Fazenda Experimental Lageado. Informações: (014) 821-3883, ramal 113 e 114.

**JABOTICABAL**

• 3/04. Curso Compostagem e Vermicompostagem no **Tratamento de Lixo**. Promoção da Fundação de Estudos e Pesquisas em Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia (Funep). Na sala 31 da central de Aulas da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV). Informações: (016) 323-1322, ramal 219 e 224.



• 14/04. Curso **Produção de Palmito de Pupunha**. Promoção da Funep. Na sala 31 da Central de Aulas da FCAV. Informações: (016) 323-1322, ramal 219 e 224.

• 17 e 24/04. Cursos de Atualização na Área de Calcários, Fertilizantes e Adubação de Plantas. Dia 17, Curso **Adubação Foliar**: Café, Citrus, Milho, etc. Dia 24, Curso **Calagem e Adubação de Milho**. Promoção da Funep. Na sala 31 da Central de Aulas da FCAV. Informações: (016) 323-1322, ramal 219 e 224.



• 25/04. II Curso Informática Aplicada à **Bovinocultura**. Promoção da Funep. Na sala 31 da Central de Aulas da FCAV. Informações: (016) 323-1322, ramal 219 e 224.

• 27 e 28/04. Curso **Técnicas de Processamento de Peixes**. Promoção da Funep. Na sala 31 da Central de Aulas da FCAV. Informações: (016) 323-1322, ramal 219 e 224.

**ILHA SOLTEIRA**

• 27/04 a 10/07. Curso **Métodos Numéricos de Minimização Não-Linear Clássicos**. Promoção do Departamento de Engenharia Mecânica. Na Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira. Informações: (018) 763-8138.

**MARÍLIA**

• 15/04. Mesa-redonda **Formação de Professores** em Parceria com a Pós-Graduação. Promoção da Comissão de Ensino. Na Faculdade de Filosofia e Ciências (FCF). Informações: (014) 421-1295, no Núcleo de Apoio às Atividades Acadêmicas (Nac).

• 16/04. Início do curso de extensão universitária **Os paradoxos da globalização**. Promoção do Departamento de Sociologia e Antropologia. NA FFC. Informações: (014) 421-1219 ou 421-1293, na Seção de Graduação.

• 16 e 17/04. Seminário **Da Luta pela Terra à Construção da Cidadania**. Para alunos de graduação, pós-graduação e comunidade em geral. Na FCF. Informações: (014) 421-1295, no Nac.

• 22 e 23/04. Mesa de debates **Atualidade do marxismo (O Sesquicentenário do Manifesto Comunista)**. Para alunos de graduação, pós-graduação e comunidade em geral. Promoção do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas. Na FCF. Informações: (014) 421-1295, no Nac.

**PRES. PRUDENTE**

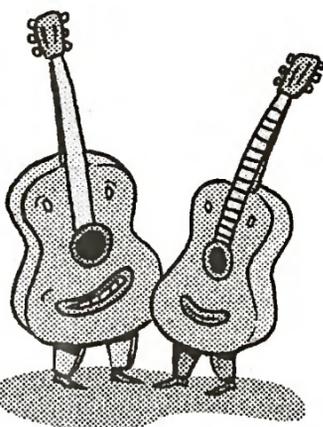
• 13 a 19/04. Exposição temática **Semana do Índio**. Promoção do Departamento de Planejamento da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT). No Laboratório de Estudos Antropológicos e Arqueológicos. Das 8h às 11h; das 14h às 18h; e das 20h às 22h. Informações: (018) 221-5388, ramais 467 e 217.

**SÃO PAULO**

• Inscrições abertas para o **Coral Infante-Juvenil** do Instituto de Artes (IA). Os interessados devem comparecer ao IA aos sábados das 10h às 12h e procurar pela professora Marisa Trench Fonterrada, do Departamento de Música. No IA. Informações: (011) 274-4733, ramal 221, com Patrícia ou Rogério.

• 1º/04. Abertura do período de inscrição para o ciclo de palestras **Barroco Memória Viva**, a ser realizado de 20 a 23/05. Palestras gratuitas e visita a diversas igrejas paulistas. No IA. Informações: (011) 274-4733, ramal 221, com Patrícia ou Rogério.

• 16/04. Último dia para inscrição no Curso de Extensão Universitária em **Instrumento Musical: Trompa**, a ser realizado a partir de 17/04. Curso gratuito para jovens entre 10 a 20 anos, iniciantes ou que já tenham contato com o instrumento. Aulas aos sábados das 10h às 12h. No IA. Informações: (011) 274-4733, ramal 221, com Patrícia ou Rogério.



**Atenção, unidades:**

Prazo para envio de informações para a Agenda:  
- edição de maio, 13/04  
- edição de junho, 15/05  
- edição de julho, 15/06

**HISTÓRIA**

**Os discípulos de Trotski**

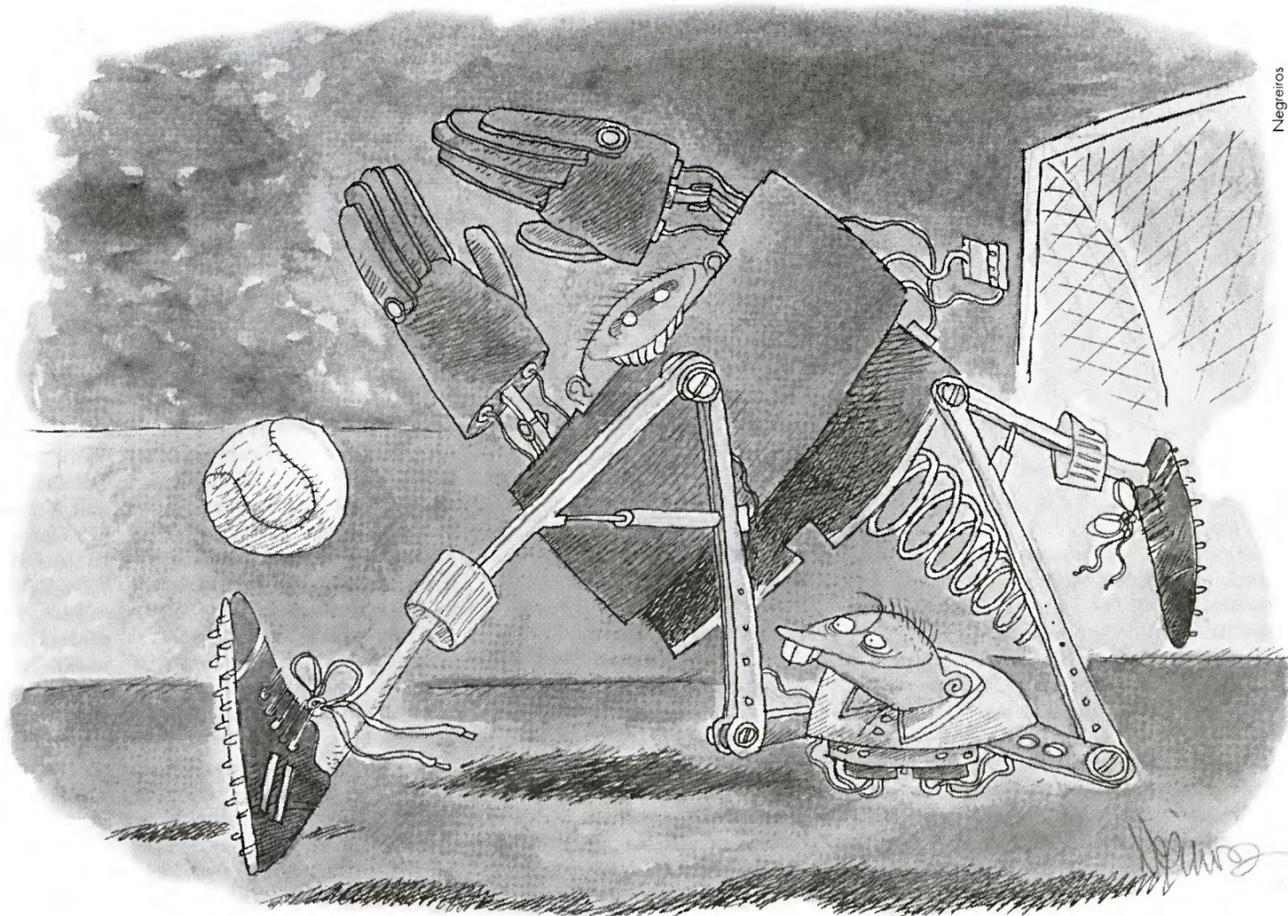
**D**efensor da teoria da revolução permanente, que previa a expansão do socialismo pelo mundo capitalista, e crítico do stalinismo, o político soviético Leon Trotski influenciou gerações. Seu pensamento motivou, no Brasil, a formação do Partido Operário Revolucionário (POR), que, fundado em 1952, teve, entre seus militantes, jovens como Boris Fausto, mais tarde um dos principais historiadores do País. Esse é o tema do evento *O Trotskismo no Brasil — anos 50 e 60. O Partido Operário Revolucionário*, primeira sessão da Série de Encontros Acadêmicos Teses em Debate, promovida pelo Centro de Documentação e Memória (Cedem) da UNESP. "Novos debates serão realizados, sempre com pesquisadores que utilizam a documentação reunida no Cedem", informa a historiadora Anna Maria Martinez Corrêa, coordenadora da instituição (leia reportagem à pág. 6).



Trotski: seguidores no Brasil

Franca. "Entrevistei ex-militantes do POR e pesquisei muitos documentos do Centro de Estudos Mário Pedrosa, que consultei no Cedem", diz o expositor. Dia 3/04. Às 15h. No Centro de Documentação e Memória (Cedem), Rua Benjamin Constant, 36, Centro, em São Paulo. Informações: (011) 252-0510.

Arquivo IU



Negreiros

# Ronaldinhos eletrônicos

**Pesquisadores de robótica criam engenhoca que bate um bolão**

**E**les não têm pé nem cabeça. Tampouco pernas ou braços. Nada mais estranho a esses jogadores que conceitos como ginga ou malícia. No entanto, batem um bolão. Os robôs futebolistas começam a invadir os gramados, ou melhor, as mesas que simulam um campo de futebol, no mundo todo. Haverá até uma copa do mundo, paralela à dos humanos, em junho, na França (*leia quadro nesta página*). A UNESP pretende participar do torneio e já prepara seus craques. O Laboratório de Robôs Móveis Autônomos, composto por três pesquisadores do câmpus de Bauru, já está com seus *ronaldinhos* e *romários* prontos.

Na verdade, o "craque" não passa de uma espécie de caixinha cúbica, com 7,5 cm de lado, cheia de fios e circuitos, uma antena e duas rodinhas. E é apenas um, que agora será replicado. Mas é um golaço para os especialistas na área de robótica. "Para nós é uma escola", garante Renê Pegoraro, bacharel em Ciência da Computação, professor do Departamento de Computação da Faculdade de Ciências, que está preparando sua tese de doutorado na área de Visão Computacional. "Isso nos permitirá o desenvolvimento de equipamentos e programas que poderão ser aplicados no mundo real", explica.

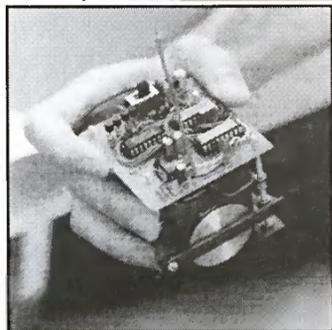
De acordo com os pesquisadores, o futebol entre robôs autônomos é uma excelente forma de testar, em condições reais de operação, algoritmos e técnicas usadas no projeto e utilização dessas máquinas. Todas essas variáveis tornam o jogo mais interessante e trazem novos conhecimentos para os pesquisadores. Os três estão preparando tese de doutorado na área de robótica. O que eles aprendem construindo robôs-jogadores pode ajudá-los nas suas pesquisas e na construção de robôs com aplicações práticas.

## COPA BRASIL

Pegoraro e seus dois colegas, o engenheiro civil Humberto Ferasoli Filho, também do Departamento de Computação da FC, e o engenheiro elétrico Marcelo Nicoletti Franchin, do Departamento de Engenharia Elétrica da Faculdade de Engenharia e Tecnologia, estão empenhados agora em desenvolver um robô para disputar a Primeira Copa Brasil de Futebol de Robôs, entre 28 e 30 de abril, em São Paulo. O campeonato é uma iniciativa do Centro Tecnológico para a Informática (um organismo federal), da UNESP de Bauru,



Fotos Helcio Tom



## INDEPENDÊNCIA

**Ferasoli, Pegoraro e Franchin: jogadas próprias**

ru, da Escola Politécnica da USP e da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Os craques-robô demonstram suas habilidades numa mesa de madeira, que tem a mesma textura e cor da de tênis de mesa, com 1,30 m de comprimento por 0,90 m de largura. A bola é a de golfe, de cor laranja, com diâmetro de 42,7 mm.

Para saber como se movimentar em campo, onde está a bola e fazer os gols, os robôs contam com a ajuda de um sistema de visão, composto por uma câmera de vídeo e um computador.

A câmera — uma para cada time — é colocada sobre o campo, a dois metros de altura. Ela capta a imagem da posição dos jogadores e da bola e a envia para o computador, que a transforma em equações numéricas. Ele calcula a posição

## Os melhores vão à França

**C**om o objetivo de permitir o intercâmbio entre pesquisadores e profissionais interessados no desenvolvimento de robôs autônomos que apresentam comportamento inteligente, estava programada para ser realizada, entre os dias 28 e 30 de abril, a 1ª Copa Brasileira de Futebol de Robôs. As equipes deveriam se inscrever em uma ou duas modalidades: times completos de três robôs ou equipes com um único robô. O vencedor deverá participar da Copa Mundial de Futebol de Robô, em junho, na França, organizada pela Federation of International Robot-soccer (FIRA), a Fifa dos robôs.

Além de obedecer às dimensões limites (7,5 x 7,5 x 7,5 cm), os robôs têm de apresentar uma região visível de no mínimo 3,5 x 3,5 cm na parte superior, com a cor do time, que não pode

ser laranja, verde, preto ou branco. A câmera ou qualquer outro sistema de sensoramento deverá ser fixada no seu próprio lado do campo.

As linhas laterais e de fundo do campo são formadas por paredes de madeira, na cor branca, com 5 cm de altura e 0,5 cm de espessura. É permitido a bola tocar nessas laterais. O campo é todo quadriculado, para a rápida localização dos jogadores. Cada tempo do jogo dura cinco minutos e cada time poderá fazer duas substituições.

Entre as faltas previstas, uma das mais graves — punida com tiro livre, de bola parada — é a colisão com um adversário, com ou sem intenção. Caso um jogador reincida em falta, poderá ser tirado de campo por um minuto. Na terceira reincidência, será expulso.

(E.S.)

e a velocidade dos jogadores e da bola e, com base nesses dados, emite ordem para as jogadas serem executadas. As instruções são passadas por ondas de rádio. Os robôs se movem graças a dois motores elétricos, microprocessadores com capacidade de 2,5 mips (milhões de instruções por segundo). Só para comparar, um microcomputador 486 possui capacidade de 12 mips.

## FINTAS NOS CUSTOS

A aparente simplicidade da engenhoca esconde fórmulas complexas e, antes que os pesquisadores conseguissem que o robô fizesse movimentos controlados, amargaram muitos dribles. "Só para descobrir um sistema de rádio que funcionasse foi uma luta", conta Franchin. Além das dificuldades técnicas e científicas, os pesquisadores também têm de fintar a falta de dinheiro. "Estamos fazendo tudo com recursos próprios", conta Pegoraro. "Desenvolver um robô como o nosso custa cerca de R\$ 1.500,00, mas estamos conseguindo fazer por mais ou menos R\$ 200,00."

Os robôs são chamados autônomos porque, depois que começa o jogo, não há mais interferência humana. A exemplo do que ocorre no futebol, do entanto, os times também têm um "treinador", que elabora a estratégia do jogo. "Isso é feito por meio de um programa de computador", explica Ferasoli Filho. "É com ele que o computador processa as informações recebidas da câmera e emite as ordens aos jogadores."

O fato de ser um programa de computador, não quer dizer que todas as partidas sejam iguais. Há também, a exemplo do futebol praticado pelos homens, o imponderável. "No decorrer de uma partida, um robô pode patinar na arrancada e em outra não, por exemplo", explica Pegoraro. "Isso, claro, influencia o jogo". Pode ocorrer também, eles explicam, de em determinado instante um robô estar com as pilhas mais fracas que as de outro. "O impacto dele com a bolinha vai apresentar diferenças de intensidade", compara Ferasoli Filho. "Por isso, nunca haverá duas partidas iguais, mesmo que duas equipes usem sempre o mesmo programa-estratégia."

**Evânildo da Silveira**

## Serviço

Para entrar em contato com os pesquisadores, use os seguintes endereços eletrônicos:

- [franchin@azul.bauru.unesp.br](mailto:franchin@azul.bauru.unesp.br)
- [pegoraro@azul.bauru.unesp.br](mailto:pegoraro@azul.bauru.unesp.br)
- [ferasoli@azul.bauru.unesp.br](mailto:ferasoli@azul.bauru.unesp.br)